

[CONTOS E CRÔNICAS]

BREGUENAITE COMETRIPA e outras febres

Vinícius Staub

[[[
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

insight
E D I T O R A



BREGUENAITE COMETRIPA

e outras febres

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT



Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR

Tel.: (41) 3023-3774

www.editorainsight.com.br

contato@editorainsight.com.br

Coordenação e produção: Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

Auxiliares de produção: Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

Revisão de texto: Thaisa Socher

Diagramação: Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro, Marina Mendonça e Marlon Gomes

Autor: Vinícius Staub - viniciusstaub@hotmail.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Staub, Vinícius

Breguenaite Cometripa e outras febres / Vinícius Staub. -

Curitiba, PR : Insight, 2024.

72 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-65-88617-94-6

1. Literatura brasileira - Miscelânea. 2. Contos brasileiros.

3. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.8

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR. (Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2024

BREGUENAITE COMETRIPA

e outras febres

Vinícius Staub

Curitiba 2024

insight
E D I T O R A

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
ENTRECRUZES E RESSURREIÇÕES	9
Apresentação	9
UM CAFÉ	11
SEGUNDO DOS CINCO PASSOS DE TI CHUAN	14
BREGUENAITE COMETRIPA – CIBORGUE AMEAÇADOR	17
CAPITÃO NAVIO E OS REMOS	21
ARAGUAIA	23
TRÊS MORTES	25
DUAS PARÁBOLAS EPISTEMOLÓGICAS	26
FIQUE BÊBADO, LIGUE PARA SUA EX	27
VÍRUS	30
O ÚLTIMO COVARDE SE ESCONDEU NO ESGOTO	32
OS ARISTOCRATAS NO MUSEU	34
SÃO CRISTÓVÃO CINOCÉFALO (POSFÁCIO CIRCENCE). 36	
MARIPOSA	38
VANGUARDAS DA NOITE	39
OS ATORES	40
CARNE E ESPIRRO	42
POSFÁCIO A UMA MONTAGEM DE MORTE E VIDA SEVERINA	44
JARDIM	48
FENOMENOLOGIA DE UMA CASA	51

CINCO HOMENAGENS CIRCENSES	53
O panfleteiro.....	53
A guarda-roupas.....	53
O mestre de pista.....	54
O palhaço.....	54
A cozinheira	55
NINA	56
ADÃO E OS GERMES.....	57
JURAS DE AMOR (PRIMAVERA CIRCENSE)	58
AFRODITE	59
EFÊMERO	61
O HOMEM QUE ERA PLATONISMO.....	62
O FIM DA PANDEMIA.....	69

Prefácio

*É... meu computador
Apagou minha memória
Meus textos da madrugada
Tudo que eu já salvei*
- O Teatro Mágico, "A Fé Solúvel"

Breguenaite Cometripta e outras febres reúne parte da minha produção em prosa dos últimos cinco anos, e especialmente dos últimos dezoito meses, em meio a um isolamento artístico e psicológico que se agravou com a pandemia e o isolamento sanitário.

A minha primeira atividade criativa foi a escrita, começando aos onze anos de idade. Os meus amigos estavam crescendo (eu também?) e não queriam mais brincar de bonecos comigo. Escrever era a forma de continuar encarnando personagens, pensando seus pensamentos e agindo por suas ações. A partir de 2010 meu foco passou a ser a atuação. Atuar era continuar escrevendo por outros meios; ainda era, essencialmente, alguma coisa que incluía ser outros ou sondar a mim mesmo. E a escrita continuou fazendo parte de meus processos de pesquisa, de treinamento e de construção de personagem; mas a cena me mostrou que também se cria de outra forma, no improviso com o parceiro e com o público, com o outro, através do outro. A partir de 2017 comecei a escrever para o teatro, o que é ainda outra coisa. Na dramaturgia, o papel é só um vaso temporário, e sua mídia verdadeira são os corpos e vozes dos atores. No começo de 2020 eu estava começando a dirigir e escrever um espetáculo colaborativo com um parceiro, esperando que este trabalho fosse me tirar do isolamento e da fome de palco; mas veio a pandemia com suas distâncias todas, e dizem que ainda está por aí, mas eu não sou especialista no assunto.

Meu caminho, então, foi da escrita para o teatro e de volta à escrita. Ela me recebeu de volta depois de uns anos de aparente descaso. Tenho esperança que isso apareça nos textos a seguir, que alguns deles não estejam totalmente em casa na página, como quem está chegando ou indo embora.

Os textos não estão em nenhum tipo de ordem cronológica. Talvez eles estejam dispostos num espectro que passa gradualmente entre diferentes estados emocionais. Talvez isto seja mentira. Na coletânea há produtos derivados de processos teatrais e de cinema, experimentos com diferentes modos de escrita e eus-líricos, textos mais intencionais e planejados, ficções, crônicas. Prefiro não separá-los por estilo, linguagem ou veracidade. Eu mesmo não saberia fazer esta divisão, e prefiro não influenciar o leitor.

Acredito, fundamentalmente, na função xamânica da arte: que o dever do artista é se aventurar nos sonhos, nos medos e nas dúvidas para trazer a seu povo remédios e presságios. Tentei destilar pesadelos que talvez outros também tenham tido; tentei conjurar imagens de esperança para quem tem tido dificuldades de enxergá-la. Tomara que isso traga algum alento, e que sobrevenha algum encontro.

Entrecruzes e ressurreições

Apresentação

Etel Frota

Se você for espiar, aponte para a janela, na direção de onde vem a luz. Este objeto é um caleidoscópio.

Neste distópico 2020, seu construtor completou 33 anos de vida. Idade crística: cruces, encruzilhadas, renascimentos. Dado crononumerológico que, se não explica, ao menos providencia algum alívio metafórico ao paradoxo deste livro.

Existem nele, logo no portal de entrada, umas ressonâncias de Kafka. Um pouco adiante, uns brilhos metálicos *à la* Asimov. Mas há, igualmente, mapas subterrâneos de radículas e brotos, cursos de águas, sinfonias de canários. Trajetórias riscadas nos solos de todos os reinos - os minerais, os vegetais, os animais. Autopistas e picadas abertas através de feudos, chãos de circo, possessões de Hades. *O labirinto tem setas, mas ainda não tem lógica.*

Por não estarmos habituados a emergências e subversões, ofende-nos a narrativa que denuncie derrocadas, a menos que proferida por bocas murchas desdentadas. Fica estabelecido, portanto, para nosso conforto, que Vinícius Staub é um velho, nos momentos em que sua linguagem desperta seres atávicos e a matéria prima dos pesadelos. *Um filme de monstro gigante é a transcendência de um claustrofóbico, que [finalmente] se vinga das paredes perseguidoras.*

No tempo de uma vertigem entre o horror e o humor, Vinícius é, então, substância corrosiva. Sua linguagem vai pingando ácido sulfúrico nos rastros iniciáticos do caminhante da *cadeia de eventos*, na assombrosa síntese do ridículo dos aspirantes à maestria de pés de barro. Enquanto isto, aristocratas degustam aos bocadinhos as obras de arte, com o fastio dos saciados, *com o paladar das eras.*

Vinícius é, daí, lâmina de dois gumes. O alter ego de sua linguagem talvez seja Ettin, o gorila de duas cabeças, cujas *duas bocas mastigavam folhagens [e] rasgavam gargantas*. Nessa vertente cruenta, Vinícius é também uma furadeira com broca de aço temperado, linguagem que atravessa lajes, ossos e consciências. De quebra, violando a lei do silêncio, incomoda o sono dos justos.

Testemunha de acusação, a sua linguagem desvela visões da véspera do inferno, torra-se a si mesma no incêndio do apocalipse, para a seguir se evoluir, envolta nas próprias fumaças, no rumo desse lugar onde *algo abstrato fez-se concreto, algo sublime fez-se terreno e algo infinito fez-se vulnerável*.

Oráculo dos inauditos, dos meio ditos, dos mal ditos, sua linguagem sussurra os interditos. *Desvela a distância entre memória e garganta*.

Se você for escutar, apure o ouvido e afine algum instrumento seu em que ainda ressoem ressurreições. Vinícius é um arauto de possíveis frestas.

UM CAFÉ

Olhando para baixo, sem vontade de nada. As moscas iam de mesa em mesa. André chegou, me levantei e tocamos pedipalpos. Nós sentamos, ele começa a falar dele mesmo e eu respondo. Ele não precisa puxar papo, e eu não preciso me esforçar para responder. A gente conversa como se nunca precisasse começar um assunto novo. As palavras brotam, é muito fácil. Ele é meu amigo.

Em algum momento eu me demoro mais para falar. É o jeito que a timidez encontra para chegar aonde eu quero: como se a minha distração fosse uma outra voz, um infrassom. Mas ele capta, ele joga a isca.

— E aí, falou com a Márcia?

É um ponto vibrante na rede. É a certeza da presença de um objeto sólido. Sólido...

— É, faz uns dias que eu não ligo. Mentira, liguei ontem. Mas parece que faz tempo.

Ele levanta um braço, as moscas passam rápido por perto. Quando ele as olha é de repente uma falsa estátua, uma má estátua porque tem em si o movimento guardado da respiração anterior; e não respira. E não tem por trás da casca nenhum sinal de tensão. Ninguém no café o atende, ele desiste. O braço abaixa devagar. Seu foco está em mim de novo.

— Por quê, vocês não estão bem?

— É, pode não ser nada. Eu é que estou mais quieto. Eu gosto de ficar com ela, estou com saudade dela, mas toda hora...

Alguém entra e eu sinto a porta e os passos nos meus pés.

— Eu só queria tomar suco.

André demora me olhando. Os braços chegam a se mover sobre a mesa (os meus, não). Ele levanta um braço de novo.

Não quer tirar sua atenção de mim, mas já tirou. Ele é lacônico, ele é objetivo. Uma boa companhia.

— E cara, o negócio é o seguinte – eu prefiro continuar, embora me sinta exposto. Estou indo rápido demais? – Acho que o momento meu e dela chegou. Eu sei do que preciso. Eu sei que eu gosto dela. Eu ficaria mais tempo... eu fico pensando, eu ficaria pra sempre. Eu sou assim, você sabe, né?

— Não, não sabia que você era assim – André não botou os olhos em mim para dizer isso. Completamente exposto.

— Eu te falei antes. Da, da... da Luíza? Eu também não queria que acabasse. Mas enfim. A natureza seguiu seu rumo. E ela continua comigo, continuou comigo... se hoje eu sou maior, se hoje eu posso mais...

O braço dele balançou no ar. Exposto, mas não muito. Nunca exposto demais. É seguro viver com quem nunca se abre por completo. Distância segura, anos de amizade, anos de vida. Esse é um tipo de amor verdadeiro, um amor que não se diz e que se sente o tempo todo. Isso é uma forma de riqueza. Mas não é a mais importante. Agora era importante que ele botasse os braços na mesa, se fechasse por completo.

— André, acho que vou falar com a Márcia, sim. Está na hora. Obrigado por me ouvir.

Ele baixa o braço. Tem os braços na mesa, relaxado. Me olhando.

— O negócio é não se desesperar. Desistiu do suco?

— Não dá pra desistir – falei, simpático. Metáforas, labirintos, o vento que chacoalha e confunde a rede.

— O que não dá é pra morrer de fome. Deixa eu te contar – ele avançou um pouco sobre a mesa, mais próximo.

— Sabe como eu faço pra não deixar nenhuma namorada fugir de mim? – um pouco mais perto, mas jamais baixando a guarda, um rocha.

— Eu não assusto, não confundo. Eu sou direto, caminho reto. Não encho de informação desnecessária.

— Em vez de comer a Márcia, eu vou te comer agora.

Ele fecha ainda mais a guarda. Não tem tempo de se defender. Eu puxo a rede, presa embaixo da mesa pelo meu abdome. Ele cai de costas, completamente vulnerável porque estava protegendo o rosto e as patas da frente. Jogo a mesa para o lado sem esforço, as moscas param de servir as mesas, sobem para todos os lados. Enfio as quelíceras em seu peito e inundo o corpo dele de veneno e digestivos. O coração dele bombeia a morte para as partes de seu corpo, uma a uma – do peito para o coração para o tronco inteiro para o coração para a base das patas para o coração para o abdome para o coração.... Eu tenho fome e injeto mais digestivos no abdome dele. Ele agora se debate como jamais se debateu na vida, nenhum movimento tem cálculo. Ele sempre foi o predador, e não tem nenhum reflexo preparado para a morte. Finco de volta as quelíceras em seu peito. Se não deu tempo, não importa. Eu tenho pressa. E, ainda coagulado e com esponjosos pedaços, sobe para dentro de mim seu suco. Eu podia devorar outra namorada – arriscar ser devorado por outra namorada. Mas eu gosto da companhia da Márcia. Quero viver com ela até quando for possível. Eu espero que, em algum lugar, ela esteja fazendo o mesmo. O suco de André me enche. Eu não comia há meses. Estou faminto de tudo, em cada célula no meu corpo. André esturrica, o suco cada vez mais líquido. Ele é meu amigo. Viverá em mim e me fará maior.

SEGUNDO DOS CINCO PASSOS DE TI CHUAN

Saibam ser verdade: foi assim que Ti Chuan aprendeu sobre a cadeia dos eventos. Andava distraído, mas fingindo olhar tudo com a sabedoria dos mestres, o que é duplamente condenável (Sk 3, 11-12; Tu 52, 40). Ao andar entre o arrozal, uma cobra mordeu seu pé; sua máscara hipócrita caiu, e ele começou a pular em uma perna só, desesperado, com a cobra presa no tornozelo da outra perna. Os lavradores pararam de trabalhar para ver o monge agindo de forma vexaminosa, ao que ele os admoestou com Geshin 5, 19: “aquele que se fascina com o sonoro tem uma mente barulhenta”, e seguiu andando como se fosse o ocorrido uma armadilha para ensinar-lhes uma lição. A cobra, porém, seguia presa à perna, embora ele confiasse que o arrozal talvez esconderia sua vergonha. Foi quando um gavião mergulhou do alto dos céus e agarrou a cobra com suas duas garras; o sofrimento da cobra, de Ti Chuan e a coragem e determinação da ave geraram um rebuliço impossível de não ver. Os lavradores prestavam atenção no monge mais uma vez, e ele os acusou de terem soltado galinhas no arrozal, buscando explicar as penas e gritos que subiam dos ramos. Foi esta uma atitude tola, pois aos simplórios é dado domínio sobre o que é simples (Gs 7, 1-5), e sabiam diferenciar uma de suas galinhas de um gavião; inclusive, o gavião era para eles um totem, embora a crença seja ignorante (Wo 26, 10; Am 3, 11-15). Portanto, os lavradores passaram a apedrejar Ti Chuan, que ao tentar proteger-se agarrou-se a um boi; mas o boi, machucado pelas pedras, começou a mover-se determinado, embora lento por causa da lama; e Ti Chuan agarrou-se às pernas ou rabo do boi, sendo arrastado pela lama, seguido pela cobra e pelo gavião.

Um xamã apareceu, pois devia morar perto dos lavradores; ofendido com que pedras fossem arremessadas em dire-

ção ao gavião, xingou os lavradores de impropérios e lançou maldições, e alcançou a vergonhosa comitiva protagonizada por Ti Chuan. Em vez de prestar qualquer tipo de ajuda sábia, própria de um homem de sua idade, no entanto, ele agarrou o gavião tentando soltá-lo, pois foi levado a decisões tolas pelas emoções excessivas daqueles que se preocupam demais com a blasfêmia (Tu 40). O boi puxava Ti Chuan o enlameando, e Ti Chuan se sacodia e envergonhava a si mesmo, mordido pela cobra, assustado pelo gavião e amaldiçoado pelo xamã, que os seguia sem tirar as mãos de sua ave totêmica. A esta altura, saiu do arrozal esse dragão de infames, se debatendo e sujos de lama, e adentraram a vila; como uma senhora tivesse tomado um susto com medo que o boi pisoteasse suas cestas com grãos, sua reação fez seu cachorro atacá-los, e o susto de personagens diversos, incluindo o boi e Ti Chuan, levou o cão a fechar os dentes nas vestes do velho xamã, que por teimosia não largou o sagrado gavião. A cena continuou, e tão ridícula, pois Ti Chuan era monge e o xamã xingava a todos que os viam, que os aldeões resolveram soltar uma vaca no cio para incrementar a sua caravana de suplícios. O boi passou a seguir a vaca, que, assustada por tantos lamentos e sons de animais, fugia do boi, passando por perto do lago e assustando os marrecos, que são animais desajeitados e passaram a fugir da vaca sem levantar voo.

Não muito tempo deve ter se passado até que os vigilantes superiores de Ti Chuan tenham percebido a confusão, pois sabem que na amizade espiritual com os irmãos menores é preciso estar em prontidão para a surpresa (Fi 9, 25). Eles quiseram primeiro acudir o velho xamã, mas, não querendo tocar no cão (Tu 25, 23), ordenavam que um aldeão o fizesse; como este homem era preguiçoso, precisavam ordenar seguidamente que seguisse e apanhasse o cachorro, fazendo que atrás do cachorro fosse o preguiçoso, e atrás dele um séquito de monges veteranos que o admoestavam, e embora o cachorro rosnasse ao preguiçoso, não largava a barra da veste do velho, que

se recusava a abandonar o gavião, que tinha as garras presas na cobra, que tinha os dentes fincados na perna de Ti Chuan, que se debatia agarrado a um boi, que seguia obstinadamente uma vaca, que espantava um bando de marrecos. Os marrecos, por fim, derrubaram cestas de grãos, e uma cesta derrubava a outra, incluindo na lamentável cadeia de embaraços os ruídos e cores de objetos inanimados.

Embora o manuscrito não diga como a aventura do jovem Ti Chuan terminou, foi depois disso (e durante) que ele percebeu como é a cadeia de ações no mundo do desejo: vergonhas carnavais que se acumulam, que derivam uma da outra, ou que causam aquilo de que derivaram, num rio que arrependimentos que não começa nem termina, e que, diferente de uma alegórica e temporária fila de humilhações, não pode ser interrompido, nem aliviado, nem remado. A dura vergonha, maior que a de seu calamitoso dia, o magoou profundamente, por toda uma noite em que não pôde dormir; e andou o segundo dos cinco passos a caminho da iluminação.

BREGUENAITE COMETRIPA – CIBORGUE AMEAÇADOR

Tem três tipos de ciborgue – o mercado setorial cheio de gente, máquinas, cheiro de limo saindo dos aquários. Tem ciborgue de abrir fossas – de costas para um monte de caixas, espiar rápido por cima delas e me esconder – programam eles pra cavar, cavar toda vida, até estarem cobertos de sujeira, e aí sabem que é pra parar, e esse pode ser assim, vai parar de me seguir quando estiver afogado no meu sangue. Se um funcionário vir retirar essas caixas, vai me estranhar aqui, qualquer um que me veja com essa cara, de estranheza em estranheza vão triangular minha posição para ele, um cardume de peixes, se esconder a céu aberto é ser um encantador de cardumes – tem ciborgue puxa-saco, de sondar todas suas reações com pequenas gentilezas até te fazer ficar no estado de espírito que eles buscam. Quietos, peixinhos, não vou nem respirar – se esse for assim, vai me espetar de todos os lados até ver que eu morri. Mas é tanta gente que eu sou mais um, é sorte não esbarrar com um distraído, os distraídos são os que percebem as coisas suspeitas. Eu sou suspeito de cabo a rabo. Do começo ao fim – eu vou acabar. Um senhor passa pela terceira vez pela mesma tabacaria. Também sei me distrair. Sem sinal do ciborgue até agora. Eu posso descer até o armazém, pegar a chave de uma moto e improvisar. Tem ciborgue de pregar peça em televisão, deixar viver como gente por meses e revelar que é um aparelho no fim da temporada. É seguro correr até a escada para baixo – se esse ciborgue for assim, pode achar que é um senhor na tabacaria, a vendedora de girinos, e vai despertar quando me ver e me perseguir com a vingança de quem é traído pelo mundo. O cheiro de limo está em tudo, não me sai da cabeça que vou pisar no molhado e escorregar. Os peixes me triangulariam. Uma alga que segura um pé por curiosidade, que faz que um homem se abra para a água entrar.

Eu desço as escadas lépido – não, tem outro tipo de ciborgue. Piso rápido e sem barulho, acho que é um erro. Os funcionários daqui devem fazer barulho quando estão com pressa – tem os que seguem o cheiro, que procuram contrabando, ele vai exigir que eu morra, como um burocrata, ele vai me matar e dizer que me deu a chance de morrer por conta própria. Entro num grande corredor e tem pouca gente andando, pior impossível. Quietos, peixinhos. Jacques Cousteau nos corais, invisível no santuário, qualquer interferência uma hecatombe de ultrajes. Devia suar frio na roupa de mergulho. Um campo minado de tabus. Eu nem estou aqui, eu tenho que estar aqui para não ser suspeito, eu tenho que parecer não ligar se me olharem, eu tenho que parecer me incomodar se me olharem e me surpreender. Não há mais cheiro de limo, há cheiro de cloro e de combustível e graxa. Estou perto, mas perto demais e ainda não achei uma chave – tem outros, tem ciborgue que vira lixo que nem um cachorro, que não sabe o que procura até achar, vai estar em qualquer lugar e não importa o que eu fiz pra me esconder, mais dia menos dia vai me rasgar como um saco e me roer como um osso. Eu preciso voltar, pegar outro corredor, achar uma sala administrativa, mexer nas gavetas. Roubar como um gatuno ou descer o cacete em alguém – *prepara o fim, ladrão, guerreiro da solidão* – os meus passos são iguais à batida de uma música. Eu odiava o cheiro da casa velha – tem ciborgue de caçada, de soltar no mato pros ricos correrem atrás com pistola na mão, ele vai fugir, ele que vai fugir, vai pensar em mim e se afastar, vai performar pânico quando lembrar que eu existo e correr. Pedras pontudas, canoas. As algas ignorantes, aratacas de pegar gente que o rio jogava. Eu sei que eu vou morrer. Jacques Cousteau se mijando nos corais. Tem ciborgue que escreve teste de personalidade de site de entretenimento, eles não entendem os filmes, eles não entendem a graça de nada, eles riem errado e riem só por fora, ele vai me dissecar, ele vai me guardar com os produtos de limpeza, ele vai me esquecer e esquecer de sacar minha recompensa e me

mentonar fora de hora – eu entro numa sala e tem uma senhora, não tem idade pra ser minha mãe, azar o dela, eu fecho a mão, eu desço o cacete, eu erro muito, ela grita, ela grita algo para alguém, eu seguro a alga e aperto o pescoço e procuro na bolsa e tem uma chave que eu pego e eu saio e vou para a garagem, eu estou livre e vou chorar, eu posso fazer funerais, sem corpos, eu posso escrever homílias, pedir uma missa – tem ciborgue que te deixa rezar, mas esse não deixou - eu não levei a chave. Eu não estou na garagem. Eu deixei a mulher no chão e fui embora. Eu mal revirei as gavetas e não peguei nada importante. Eu peguei alguma coisa pesada, peguei algo pra me defender, arapuca de alga.

Eu me escondi no cheiro – cheiro de cloro, cheiro de limo. Ele está na sala de escritório entulhada de mesa e cadeiras, seus passos são sons patéticos, calculados para parecerem orgânicos, espontâneos, ineficientes – tem ciborgue de caminhar para contar distâncias, ele vai me seguir para sempre até – eu não posso morrer assim, ele faz que está saindo da sala para seguir meu rastro, mas me sinto invadido. De repente eu sei que ele sabe – tem ciborgue que sabe quando você sabe – eu abro a porta do banheiro numa batida, armado de um vaso de planta, ele já olhando em minha direção e é a maior bagunça e dor e incêndio que eu já senti e ele não se moveu e eu percebo o estouro da bala que já aconteceu e agora tine nos meus ouvidos e o rosto apazível e ridículo de um assassino ignorante – eu já estou no chão, tem ciborgue que computa os recônditos mais inescrutáveis de um olhar que morre e entende, e eu entendo que ele entende e eu teria nojo, mas provavelmente já estou tomado só de dor e medo, acho que o cheiro é meu, ferrugem, sangue em poças no chão e nas paredes, nas paredes da sala e do banheiro de cloro e limo.

Ele está de pé sobre mim, e eu quase já morri, e não percebo mais nada. Talvez lembrasse que tem Breguenaite Comestripa, ciborgue empata, ciborgue que entende o que eu sentiria ou pensaria em si mesmo, que prevê o que faço porque sente

o que sinto. Tem ciborgue que sente o que a vítima sente, e eu pensaria disso que tenho rancor, rancor de objetos que matam ignorantemente. Eu pensaria que não tem ciborgue que sente, que eles simulam e não sabem a diferença – e que não faz diferença, e que morre-se de qualquer coisa, de qualquer jeito, de pedras pontudas, afogamentos, ciborgues, assassinatos sem assassinos. Os últimos momentos são muito mais difíceis de entender, e depois não há mais nada. E, quando não tem mais vítima, ele está sozinho de novo, sem nada para achar que sente. O seu rosto – eu acharia ofensivo, um simulacro zombeteiro, ele acha – paralisa e o seu maxilar se abre no meio e desliza para os lados. No fundo, só um tubo de sucção. Eu sinto a dor imensa de seus dedos abrindo minha barriga e retirando meus intestinos, clinicamente poupados por seu tiro, mas não poderia sentir mais nada quando põe meu intestino cortado no seu tubo de sucção e começa a sugá-lo, quatro metros por minuto – DNA para identificação e matéria fecal para traçar meus últimos passos. Ele está sozinho. Ele entende o que sentem. Ele não sente mais nada. Agora a dor imensa é dele. Ele simula lágrimas descontroladas com a boca atolada de tripas deslizantes. Seu simulador de voz executa um arquivo gerado naquele mesmo momento de vergonha e solidão:

— EU, BREGUENAITE COMETRIPA, SOU A MAIOR DAS VÍTIMAS.

CAPITÃO NAVIO E OS REMOS

Os grandes corpos sobre a pastagem que afunda. Uma onda, as marés. São belos os choques contra a carcaça de aço, mas os faróis também os sofrem. O balanço de um gigante que está sempre a cair de rosto, suas quedas para o precipício e o movimento oposto, cair para a vertical do mastro, com a mesma vertigem, sem repouso: o destino inatural dos gigantes dos gigantes, um vasto palácio que boia sobre o mar pastagem que não o compreende e quer ver tudo mergulhar-se em si. O mar é rei, é bicho gargântua, sem cansaço. Suas mãos são grandes para afogar os homens; parecem todos golpes finais. Mas está lá o grande barco, no balanço. Dédalo amansando o cavalo universal.

Ruas escuras são as noites de lua: a poesia do perigo em tudo. As de lua nova, o Tártaro. Cada rebuliço ou espuma poderia ser um lêmure suplicante. As almas dos mortos se amontoam incontáveis. O marinheiro olha o escuro imenso, sem olhos para olhar de volta. Uma prova massacrante de seu rumo; uma avalanche de pedra que o traga em vez de persegui-lo. Andando embriagado em frente a um cemitério, na cidade que não era sua, ele jogou uma garrafa de vinho no solo sagrado (no mar se jogam garrafas, que não quebram, viajam). Foi o asco; foi o chutar a cobra ou dar pedras a um lobo; pois a repulsa pelos bichos perigosos e a que um homem tem de si são a mesma coisa, e seus gestos iguais. O cemitério o chamava de dentro de si mesmo, como um argumento sem falhas: desrespeitosamente. O mar era agora um cemitério sem cruzes nem covas separadas, sua matéria inteira os restos inconsequentes da humanidade toda de até então. Não tinha portal, tinha um sinal onipresente no horizonte e em seu som. Tinha a proa do barco. Vem, filho: já estais a um passo. Jogasse a garrafa, ela não quebrava; quebrava no tempo do mar, toda sua viagem.

O homem da casa de máquinas não tem espaço para seus suados movimentos. Ele pinga e os braços tremem, e não

para: força destinal do oceano ao redor, pesado, ameaçador, ou do capitão sobre ele. Seria como o semideus que martela a incandescência do Sol, se sobrasse em seu corpo dolorido essa cheirosa dignidade das excelências translúcidas. Mas não são as entranhas do Cosmo que ele habita, são as de uma cidade ambulante, suas ruas engolidas para o avesso, os corredores, os escritórios minúsculos, as grandes multidões e as fábricas e fios elétricos implodidos num só lugar: querendo engolir um só homem. Quem anda pela cidade não sabe que sua pele sente a paranoia ancestral de que os prédios caminham para ela, que as paredes do quarto se aproximam. (Não sabem que no fundo um filme de monstro gigante é a transcendência de um claustrofóbico, que se vê cada vez mais na cidade apertada e pequena, mas finalmente alcança o horizonte jamais visto, e se vinga das paredes perseguidoras) A pele sofre continuamente o que a mente não sabe se vê, os cabelos caem, as mulheres têm dores de cabeça, os jovens bebem como para apagar um incêndio. O formigueiro adoece num pandemônio sem voz. O labirinto tem setas, mas ainda não tem lógica. Sob esse desmoronamento, poderia o homem da casa de máquinas tornar-se um buraco negro de horror; ou uma estrela de nêutrons, diamante de fogo. Mas não desespera nem se supera: ele sua, tem dor nas costas e pausa para o almoço. É o novo homem. O horror não o contamina nem nutre. É nitrogênio em seus pulmões. Seria o primeiro a afundar. Mas, sem orgulho nem vingança, calado ele sabe: tudo mais afundará.

ARAGUAIA

(narrativa enquanto um soldado é torturado pelos superiores)

No dia em que as feras lhe tomarem pelos pulsos
será igual

O soldado é iniciado na supressão da dor e do gemido. Choque nos mamilos e testículos.

— O pai lhe ensinava a consertar uma tomada. A eletricidade lhe escapou da vigia e lhe mordeu o braço e as orelhas.

Palavras do professor, da mãe ou do padre: a faísca eletrocutou o barro inerte e fez o homem. O homem é uma argila epilética.

Água gelada na cara. Era seu corpo que havia escapado para o sonho. Continuação do treinamento, parte dois: o pau de arara. No dia em que as feras lhe tomares pelos pulsos
será igual

*

Quarta-feira de cinzas, 1972. Os soldados atravessam uma estrada de terra rodeada por casas de posseiros.

Fuzis sacolejam sobre o jipe
O primeiro princípio é Deus
(a igreja é simples e tudo é de barro)
e a religião das feras é caçoá-lo
a disciplina fundamental do protetor de Deus:
engolir as hóstias sem lhe tocar a comunhão

Olhos atentos na roça intranquila
O segundo princípio é a terra
 (caboclas lavram, ninando as sementes)
e a pátria das feras é o império da fome
o dilema brutal do sal da terra:
o filho que mais lhe ama é o que menos lhe parece

Ocultos no povo, os inimigos do povo
O terceiro princípio é a família
 (uma mulher grávida vê o jipe e vira o rosto)
"Aquele ali ajuda os comunistas!"
Sacolejam fuzis, sementes, o escapamento do jipe
A terra levanta, poeira e sal
Os nervos resistem ao sacolejão de Deus
Uma mulher grávida sacode no chão

No dia que as feras tomarem a terra será muito pior

(a atenção do soldado, pensando sobre os comunistas, se mistura com a narrativa dos próprios comunistas)

Balaclava e blacatau. Pou. A arma é um pedaço só de madeira e ferro. Ferro brabo, chumbo grosso, saraivada. Um homem divide com uma mulher – amiga, amante ou irmã – os dotes da explosão ou da morte. De boné, boné de exército. Os trajes civis, um relógio feminino, cabelos longos, mas tudo reduzido à modéstia do matagal, como no exército.

Professor, é duro, és exigente. Sou aluna, sou duas vezes mais exigente e dura. O tiro é linha reta. O redondo dos olhos, a curva dos cílios, do vento. O coice do disparo.

TRÊS MORTES

Exumamos o corpo do meu tio. Em vida era um grande falador – o homem da cobra. Chato dos que pegavam, nenhum sinal de desinteresse o desanimava de continuar contando. Carregávamos o cadáver pela necrópole – era um corpo seco. Esturricado, escuro, com ausências de tecido. Pobre, lastimável. De olhos baixos o carregávamos, muito tristes, envergonhados. Como as unhas e o cabelo que crescem, haviam ainda movimentos e sinapses que não haviam terminado de desligar. O corpo tagarelava, gesticulava sem terminar os gestos nem alcançar coisa alguma, o peito fazendo o esforço que podia para estar ereto e ter a atenção de todos. Eram os seus barulhos e seus assuntos, sem nada por dentro. Nalgum lugar fora deste pesadelo, se pensava que a morte transformava um homem em nada. O tio, a morte transformara em pouco, e que esse pouco tivesse presente em si tanto, sem ser coisa nenhuma e pessoa nenhuma, transformava em retrospecto todas as nossas vidas num batedouro rude de carnes semoventes.

*

Eu sei, sem um pedaço, mentiram que o todo maior era que a soma de tudo, como se subtraído tudo ainda restasse o essencial. Eu, sem um pedaço, muito menos, paródia, como o macaco é para Adão, idêntico e sem alma, fedendo de dúvida a alma de Adão; sem um pedaço, e rindo, e tétrico, e opressor, como as avós são opressoras, como oprimem seus conselhos incompreensíveis de antes de teu nascimento e como oprimem as suas caveiras abrindo a picada para a tua. Eu, ausente de partes e completo, pois não há completo, nem na passageira inausência; e todo vivo, o prenúncio da inércia e do derretimento; mas eu, ausente daquilo e disto, presente e firme de pés e peso e olhos profundamente significantes como uma torneira aberta que parecesse falar chinês. E uma lástima profunda, e eu não ligo.

*

As órbitas são como os olhos que são como as coisas vistas.

DUAS PARÁBOLAS EPISTEMOLÓGICAS

Nos sertões da selva vivia o Ettin, um enorme gorila de duas cabeças.

Uma das cabeças só se preocupava em encontrar folhagens para comer – as grossas e suculentas no alto das árvores, ou as tenras nos jovens arbustos.

A outra cabeça só se preocupava em defender seu território, desmembrar tudo que andasse sobre duas patas e atravessasse a área onde tinha deixado seu cheiro.

As duas bocas mastigavam folhagens e as duas bocas rasgavam gargantas.

Mas os caçadores e os viajantes que tivessem o máximo azar de cruzar com o Ettin viam uma só criatura, uma coisa só de feiura e músculos. Mau presságio ou morte certa.

Para as vítimas do Ettin, de seu par de braços, seu par de crânios e de mandíbulas, não importava se as cabeças do monstro pensavam igual ou diferente.

*

Um valente pescador se aposentou e escreveu um pergaminho sobre a pesca de baleias.

O jovem espadachim encontrou o pergaminho e aplicou suas lições para a arte da esgrima. Quando se aposentou, o espadachim escreveu um livro sobre a arte da esgrima.

O aspirante a ator encontrou o livro e aplicou suas lições para a arte da atuação. Quando se aposentou, o ator escreveu um guia sobre a arte da atuação.

Um empresário encontrou o guia e aplicou suas lições para os negócios. Depois, ele também escreveu sobre os negócios.

Que o jovem pescador de baleias não se distraia do verdadeiro aprendizado ao ler o pergaminho sobre a pesca de baleias.

FIQUE BÊBADO, LIGUE PARA SUA EX

1. Fique bêbado
2. Ligue para sua ex
3. Mande uma mensagem no dia seguinte pedindo desculpas
4. Reate a amizade, mostrando que você se tornou um cara maduro
5. Acompanhe o feed dela para ver o que ela anda fazendo
6. Entre no facebook dos amigos dela para ver com quem ela se relaciona
7. Passe horas vendo as fotos dela
8. Descubra que nos meses que vocês não se falaram ela tirou fotos nos mesmos lugares que você frequenta
9. Repare que amigos seus que não tem ela no facebook aparecem com ela nas fotos
10. Converse com seus amigos sobre isso
11. Fique irritado porque todos fingem que não a conhecem
12. Se reaproxime dos seus amigos para entender o que foi que você fez que os levou a agir assim
13. Reveja suas ações e mude aquelas que possam ser mudadas
14. Deixe o tempo passar
15. Saia dos lugares que você frequenta com pressa, antes que sua ex chegue com seus amigos
16. Pergunte mais uma vez para seus amigos o que está acontecendo, estando aberto para os sentimentos deles

17. Controle-se, porque você entende que é difícil admitir uma mentira
18. Mostre as fotos que você tirou deles chegando nos lugares depois que você aparentou ter saído, junto com sua namorada, posando para uma selfie com ela e indo embora
19. Ameace ir à polícia e corte relações com todos
20. Fique bêbado
21. Ligue para o atual namorado dela, exigindo explicações
22. Chore de raiva e medo ao telefone
23. Mande uma mensagem no dia seguinte pedindo desculpas
24. Siga ele e comece a planejar uma vingança
25. Apague as fotos dele do seu computador depois de ver que as páginas da polícia estão compartilhando fotos dos lugares em que você esteve o seguindo
26. Venda a pistola de volta para o vizinho de quem você a comprou, com 200 reais de prejuízo
27. Comece a curtir as fotos que eles tiram depois de lhe seguir, principalmente as do seu vizinho
28. Busque conhecimento, com leituras e filmes sobre resiliência e tranquilidade
29. Comente as publicações onde todos recomendam os livros e filmes que você acabou de ler e ver, dando sua opinião de modo sucinto, mas aberto para aprender com a opinião pessoal deles
30. Insista, ainda que eles jamais respondam
31. Deixe presentinhos nos lugares onde você passa – sobremesas e pequenos objetos – para ainda ter algum tipo de relação indireta com seus amigos, sua família e seus pais

32. Se organize e separe todos os dias o lixo que aparece no chão da sua casa, as lembrancinhas pisoteadas nos recicláveis e as sobremesas passadas e azedas no orgânico
33. Tente espantar seu cachorro para fora de casa
34. Chegue em casa em horários nos quais seu cachorro esteja entretido com estranhos para que você possa entrar pelo muro de trás antes que ele lhe avance e lhe morda de novo
35. Tente provocar uma demissão por justa causa
36. Deixe um presente para sua ex, seus pais e seu chefe no escritório do advogado trabalhista
37. Curta a publicação que todos seus amigos curtiram na página Trabalhista da Depressão sobre o cliente esquisito
38. Racione o último salário e a comida de casa
39. Use a internet do vizinho
40. Recicle coisas e alimentos encontrados na rua para fazer os presentinhos
41. Não deixe de fazer passeios para evitar ver fotos de dentro de sua própria casa nas redes
42. Desista
43. Pule, caminhe e soque suas pernas para não dormir
44. Abra o celular após acordar do cochilo
45. Compartilhe todas as fotos dos cômodos da sua casa, suas roupas, dos sacos de lixo e dos seus sonhos
46. Nunca durma na mesma rua, para que à cidade não falem acres para acompanhar e sujar seu Deus e judeu errante e não tentar as paredes e as pedras ao despertar

VÍRUS

Uma praga memética torna impossível acreditar em narradores. Não se pode mais ouvir uma música sem ser interrompido, a cada verso, pela lembrança de que há um autor. Não se pode mais cantarolar na própria garganta uma voz que há na memória, porque se desvela a distância entre memória e garganta.

Os romances desabam em longos solilóquios escritos de um chato contando as próprias invenções e os filmes se fragmentam em coleções de escolhas de edição e ângulos.

Um homem tenta contar uma piada a um conhecido; este vê dentes, olhares para os lados, imitações de vozes que terminam num silêncio súbito. E numa súplica, cúmplice: não se sabe mais por quê.

Não se vê mais um quadro sem imaginar se o uso das formas escolhidas é irônico. A fotografia artística permanece algum tempo o que já era, uma mídia da intencionalidade; por isso a praga chega antes na fotografia jornalística. Primeiro, não se vê mais nela realidade, só uma lente e um jornalista, em cada foto de jornal; mas o olhar um dia desembaja também essa camada. Que são estes rostos, toldos de loja, cachorros que por acaso a luz queimou num filme ou num arquivo? E não se pode mais crer no próprio mundo, em suas coincidências repetitivas ou assimetrias forçadas.

Um dia, lembrado, é como o sonho, onde o receio precede o perigo; um sonho é uma estória ouvida antes até de ser dita. E assim os dias também, se é que são lembrados; mas também é igual o momento, também estória de começo há-pouco e um fim certo, embora indefinido. E, tocados pela praga, a própria memória, e o sentido de presente e a percepção dos fatos se tornam em si mesmos tão chamativos que já é impossível perceber aquilo sobre o que tratam.

A nova consciência infesta todas as intuições, sobrecarrega de si mesma todos os saberes, autorreplica-se até ser re-

dundante com seu substrato. Só uma colmeia de sinapses, de correlações, permanece irredutível. É ignorante demais: é um momento de gostos e cheiros incômodos e doces, de homens que se tornam monstros e mulheres que choram e exigem perdão; e, isolada, é como um diamante, pressionada pelas eras de solidão e irrelevância. Ela se aperta infinitamente no cerne da mente-dúvida. No dia que nunca chega implodirá de vez – de átimo a nada e a brilho, à expansão fulminante do sim sem sombras, redentor de toda coisa criada.

O ÚLTIMO COVARDE SE ESCONDEU NO ESGOTO

Haviam trocado as profecias. Não se falava mais da grande virada, do arrebatamento; a ideia de uma explosão de virtude, que antes pareceu devidamente miraculosa e fantástica, agora parecia mocha. Mas ainda tínhamos medo de profecias de fim. Parecia, no fundo, justo que um dia todos virassem idiotas, zumbis ou rinocerontes, menos uma minoria que viveria o calvário até sumir. Este era o novo ômega: martírio inútil dos últimos indivíduos; punição por termos nascido gente, espécie indigna.

Mas não é o mais certo que uma profecia seja esquecida antes de seu advento, para que ocorra, como ela mesma se narra, em meio à surpresa? E que, à época da consumação, outros murmúrios, os tolos, tenham tomado seu lugar? Então foi assim que aconteceu, e de acordo com os que criam no espírito das eras, o Messias veio como um grande esclarecimento e uma coragem e uma felicidade súbita em todos os homens. As almas eram velas escorridas e escassas, miseravelmente protegendo sua flâmula dos conflitos banais e das jornadas de ônibus; e justo mesmo por serem tão penosas e tímidas que foi como se um vento titânico as reavivasse todas em um fogaréu angélico, sem deixar de serem o que tinham sido antes, pois haviam sido redimidas e não substituídas, refeitas e não jogadas fora, e esse era o lindo mistério de humildade e imortalidade desses espíritos sofridos e sorridentes.

Esses seres se espalharam pelo mundo, alegres, como um incêndio que emprenhasse a mata de frutos. Como foram doces nesse tempo, e quanto brio tiveram de olhar todos os próprios erros e iniquidades para corrigi-los com compaixão. O sol que brilhava em seu céu não era o rei, mas o vizinho, o correspondente sideral de um país de homens que brilhavam a seu jeito, com a luz da paixão e da amizade; e vê-los duma fenda

na sarjeta era de queimar os olhos e desesperar o coração. Os olhos que se apavoravam eram do derradeiro de sua espécie: o último covarde do mundo se escondeu no esgoto da utopia.

As pessoas do novo tempo não eram deuses, eram felizes; ainda trabalhavam e adoeciam, e do fundo de si ainda brotava a maldade e o rancor, que jardinavam delicadamente e venciam. E como a gente que ainda eram, ainda tinham esgotos, e melhores do que nunca. O último covarde passava por amplos corredores do aquífero de fezes. Podia coroar-se rei, e seria, daí, também o último a ter só para si tanto cimento. Mas este planeta todo agora lhe era estrangeiro, e andava sempre como um foragido pelos túneis, pelas frestas, pela imundície da nova terra.

Os pés se apoiavam nas pontas para os olhos cegados de inveja procurarem no chão das cidades os restos de sua sobrevivência. Espremendo-se assim, o que via ansioso era o seu próprio mundo invadido e pisoteado pelo perigo. Tampouco o esgoto era um lar, mas não se sentia no exílio. Os covardes não têm ânimo para acreditar que lugar algum seja seu. Seu medo era perpétua violência e perpétua justiça desses pés que agora ocupavam a luminosidade e o ar fresco.

Foram lançadas cordas, deixados bilhetes. Mas o covarde, que aceitava viver sob seus excrementos, não aceitava que lhe socorressem. As figuras brilhantes lhe amedrontavam. Sabia estar a um passo de também brilhar. Não podia dar este passo: só podia correr cada vez mais fundo para túneis cada vez menores. Quem sabe fosse este o seu próprio paraíso, ser para sempre menor que alguém e que muitos. Talvez fosse o seu inferno: dar costas eternamente à virtude que gritava em seus ouvidos.

OS ARISTOCRATAS NO MUSEU

Quando fores guiar os aristocratas pelo museu, não esqueças. Eles não olham fixamente para as telas. Não te sentes bobo olhando uma tela como olhas? Olhas como se imitasses um gesto, e todo um zoológico de coisas salta da pintura, tracejados, estilos, contornos de personagem. Coisas que transformam a cena num conjunto de traços e tintas. Coisas que transformam a tinta em pessoas. Porque olhas imitando um gesto – dois. Um gesto que é de parar e mover pescoço e olhos em direção à tela. Esse tu já o viste. Outro gesto, de entender – esse, nunca o viste. Ou podes ver as almas dos homens, ou o que olham com os olhos deles? Ainda assim, imitas o gesto que imaginaste, achando que verás aquilo que imaginas que viram. Por isso pulam da tela coisas que nela não existem: porque és como um caipira que conversasse com um automóvel.

Não esqueças que os aristocratas têm telas em suas salas de jantar. E que na frente da tela se senta um parente ou convidado; mais fabuloso ainda, sentam-se de costas para as telas. Com que olhos as veem, quando estão de costas, quando passam distraídos por um corredor? Aprende esta diferença anatômica: eles não veem tua arte e teu museu com as pupilas, mas com o branco dos olhos. Eles não as ignoram – ou por que teriam telas? – mas absorvem-nas através das décadas (e até das gerações). Se há homens, deuses, cores e traços numa tela – isso descobrirão com muito tempo. Isso descobrirão da forma apropriada, com o paladar das eras. Não há pressa.

Não esqueças que hoje à tarde baterás um ponto, e que há um mês ou um ano assinaste um contrato. És guia de um dia até outro dia, e antes pagavas o bilhete, ou foste apalpado pela segurança. O museu é teu, sim, como a relva é dos mosquitos. Não a arte: ela não te pertence (o museu e a relva também não), muito menos terás nela morada. A arte é do aristocrata para todo o sempre. Ele não tem fome e não terá obrigação de

terminar o banquete. É aceitável que jamais perceba o quadro por completo, e por isso mesmo, só ele pode o perceber adequadamente. O ponto, o bilhete, tuas férias e aposentadoria: em tudo tens prazo para ver a arte, e por isso não a tens, nem ela te conhece.

Mas guia-lhes. O roteiro é o mesmo: datas, escolas, nomes, aspectos formais e curiosidades históricas. Digo para teu próprio bem; não te enganes, e antes, participa da respiração perfeita desse monstruoso caminhante das épocas em cujo caminho és paisagem. Para que repetir o rito diante de seres tão distintos, que não ouvirão tuas palavras? Porque és uma pintura na parede – tu, o museu, a cidade em que vives. Eles vêm porque o museu é parte de seu passeio pela vida, do lento farejar de sua visão periférica. O museu não é visto; tu não és visto. O que entendemos como a civilização é a música ambiente de sua longa ceia. Por isso te chocas com Gauguin, e estremeces e sentes tanto, tudo em equívoco, pois não entendes; mas tampouco entendem os garfos e as tapeçarias.

SÃO CRISTÓVÃO CINOCÉFALO (POSFÁCIO CIRCENCE)

Perdi o melhor que tinha, roubado por meus melhores amigos.

Mas penso nos pobres que tudo perdem e seguem. São esquadrejados e andam sem claudicar. Só lhe cortaram o espírito; e esse não regenera nem se multiplica, é só fonte que não acaba. Córrego de gozo ou de lágrimas, pequeno e fiel. Não mata a sede de uma família, e permanece após a duodécima geração. Córrego de pular num pé e referência cartográfica. Espírito: leal, infinito, insuficiente.

Por isso, me permita Deus contar uma estória de estes dias.

Eu estava muito feliz, por ter-me sentido capaz de caminhar com meu dom. Ia encontrar uma amiga para tomar um café.

O céu tinha azul e nuvens. Nada me incomodava. Mas vi, do outro lado da calçada, de repente, minha imagem no espelho da loja. A altura, o casaco, o cabelo e os óculos.

Fiquei de repente triste. Pensamento imediato: “esse cara de novo?”.

E tentei afastar esse pensamento, que era minha própria forma.

Quando encontrei minha amiga, ela falou de algumas tristezas dela tão fundas que eu quis contar também da minha. Mas percebi que minha alegria não sobreviveria se eu abrisse assim o lamento entalado. Não abri. Arrastei o lamento comigo dali para fora.

Deus me ajudou, me permitiu caminhar com meus mortos e com sua dor. Me fez encontrar a mim mesmo nos versos de Severino, que é meu avô, João Aires, e que somos todos nós, não mais mortos de fome, mas de cansaço, perda, desesperança. E fiz brotar lágrima nos olhos de poucos, de amigos, falando como Severino. E essa é a serventia do meu dom. Essa é a lição da multidão de humilhados que viveram e morreram

sem esperança de colher os frutos dos sonhos plantados neste vale de lágrimas.

Deus me deu a bênção de conquistar paz de espírito, e a bênção da lição de meus mortos, de viver sem paz de espírito.

E, ainda assim, minha triste imagem no espelho. Cada um deve carregar sua cruz. Carrego esta.

São Cristóvão, antes de ser santo, era um bárbaro terrível, um gigante. Mas tomou para si a tarefa de ajudar as pessoas a atravessar um perigoso rio, carregando-as. Um dia, foi carregar um menino; o menino era mais pesado a cada passo que dava. O menino ficou pesado como o mundo. Mas ele o carregou e deixou a criança a salvo na outra margem; o menino era o menino Jesus. São Cristóvão carregou aquele que carrega todas as cruzes do mundo.

Minha cruz é carregar um homem. É carregar uma criança e ser piedoso com ela.

Para os ortodoxos, São Cristóvão era um bárbaro ainda mais terrível: da tribo dos cinocéfalos, dos homens com cabeça de cachorro. Um monstro e um cão, e protetor do Menino Jesus.

Quero muito que minha monstruosidade e minha feiúra ao menos sirvam para fazer o bem.

Vejo uma imagem de São Cristóvão Cinocéfalo. Lembra-me-o diferente: paradoxal, monstruoso e santo, como uma besta sagrada, uma carranca com uma auréola.

Na imagem que vejo, só paz em seu rosto, e harmonia entre sua auréola e suas feições.

A paz do Senhor: cumprimento de afeto e comunhão. Mãos dadas numa igreja sorridente.

A paz do Senhor: o pesadelo como a confusão que já passou, que se desneblina com o andar da luz do dia. Uma pedra com história, mas sem lembrança física das eras, como se nova, estreante, recém brotada do coração Daquele que renova todas as coisas.

MARIPOSA

Foram as crianças que tiraram a bruxa da fogueira. Cataram seus ossos antigos de debaixo do carvão. Primeiro contaram aos ossinhos que eram de uma vovó, e, depois, de uma linda dançarina. As crianças a montaram de volta, rosto de porcelana, mangas de guarda-chuva colorido, sem perceber já a imaginavam uma fada. Mas as crianças descobriram que, bailarina, a bruxa era vaidosa, e que fazia crescer de si um falo imenso com que atiçava os animais. Quando as crianças quiseram gritar vencedoras “nós somos as filhas da bruxa!”, a bruxa gargalhou obscenamente, repetindo o tom delas e dizendo “vocês são as filhas da puta”. A bruxa enquanto avó era insensível e cheia de regras complicadas e incompreensíveis.

Então as crianças enterraram a bruxa de novo sob as madeiras e os carvões enquanto ela chorava e arranhava e implorava pela vida e por ar. E as crianças fizeram uma fogueira, não para a bruxa, mas para os homens a tinham queimado, e se vingaram dos tormentos sádicos que eles haviam praticado. O fogo ardeu de novo nos olhos da bruxa, soterrada sob a pira, e a fumaça a asfixiou mais uma vez, mas agora eram os gritos dos homens que se ouviam. As crianças riram e jogaram pedras nos homens, e disseram: nós somos as filhas da bruxa, somos a voz e a ira da bruxa, nós somos as asas dela, e ela respira com nossos pulmões, come com nossa boca, reza com as nossas preces para os deuses que ela não conheceu.

VANGUARDAS DA NOITE

Vimos falando de tradição e teve gente que não entendeu nada. Os artistas daqui são vanguardistas por uma questão climática: eles não entendem a virtude da repetição porque aqui não faz sol. Há muito tempo, a repetição do céu foi inspiradora, os homens se emocionavam percebendo uma ordem no mundo; se emocionavam percebendo que o cosmos era como um Estado ou uma família. Há quem ache isso triste, os Estados e as famílias; mas o que houve antes era mais triste ainda. Os homens olhavam para a mata, e só viam espíritos que caçavam, que espreitavam, que agiam como predadores de carne, mas feitos de ruído e suspeitas. Não viram uma ordem, só o perigo; não viram explicações, só a noite. Época tenebrosa, sem laços com a terra, sem colheitas, sem sementes. Coisa triste o mundo ser uma noite, e em parte a vanguarda é isso, tatear um breu. Eu gosto das vanguardas porque eu gosto de coragem, não porque gosto de novidade; a novidade é uma ilusão. Até que se prove o contrário, devemos considerar que o que as vanguardas fazem não é novidade verdadeira, mas apenas uma repetição dentro de um ciclo ainda mais demorado que o dos anos.

OS ATORES

Os atores (que são todos que mexem com teatro) são o quê?

Existe a terra, feita de mil grãos e sais diferentes, de coisas indiscerníveis. Tem terra fértil, terra seca. Essa é a experiência, a memória, a vida emocional de um povo. Essa poeira toda, cinzenta ou marrom, é organizada na forma e na cor das plantas e das flores. Esse mato todo é a cultura que nasce da confusão de sentimentos de um povo que vive uma pátria e uma época. E o mato se proliferaria por conta própria. Mas ele tem jardineiros.

Há quem viva de ser jardineiro, mas eles só têm emprego porque quem não é jardineiro possui o desejo de ver o mato em sua forma mais esbelta e delicada. E, de acordo, os jardineiros amadores existem aos montes, cuidando do próprio quintal ou dos quintais de todos.

Eu leio os teatrólogos politizados, que moram no meu coração, e me confundo: quando é que o teatro teve esse poder todo que eles acham que o teatro tem? Eu só vejo um enxame disperso, uma extensa macarronada de minhocas e besouros jardinando o produto da alma de seu povo. Uns mexendo num jardim aqui, e outros num jardim ali. Que diferença um jardim faz? Mas que diferente seria o mundo sem nenhum jardim!

A beleza cai dos céus, mas os atores trabalham sem parar nem entender, transformando o maná em banquete. "Qual a importância civilizatória dos banquetes?", arguem entre si as cozinheiras, batendo a porta sem parar e jogando cheiros nos caldeirões.

Eu conheço atores que são psiconautas profundos. São como os xamãs, que vão buscar a cura para um doente no mundo dos sonhos. Esses que eu conheço também buscam alguma coisa misteriosa nos seus sonhos e pesadelos, jornada perigosa, podendo ser emboscados pelos espíritos imundos em todo corredor. A cura que trazem é para muitos, porque o pesadelo

era de muitos também. E, de novo, as coisas das profundezas da terra se espalham pelo ar como perfume.

O que são os atores? Um estranho clã, em guerra civil secreta. Os despejados da República de Platão. Os mais altivos disseram a si mesmos: não fazemos o dobro da ilusão, mas o dobro da verdade. E assim protocolaram seu pedido de *green card*. Ainda não tiveram resposta.

Do lado de fora da República dos sonhos, no coração do Brasil concreto, eu visitei o circo. Uma cidade feita só de artistas. Quem passava pelo chão de brita para entrar no picadeiro podia ver que aos fundos da lona estavam os *trailers* e os mosquitos. E quem sentava na varanda do trailer via a lona o dia todo. Era ali, com tudo visível para todos, que a coisa toda explodia. Cor e risada. Piadas de tresontonte, sem autor nem registro. Um palhaço, que era o palhaço daquele circo, mas que por ser palhaço parecia velho conhecido de todos. Ali as piadas de churrasco, de casamento e de velório, as flores do campo num arranjo imenso, a gargalhada o sorriso do gigante que faz cócegas em si mesmo.

Esses viajam. Jardineiros migratórios, arranjam um pouco os afetos por onde passam. Na minha cidade, os atores somos horticultores urbanos. Anônima e inutilmente vamos regando as flores que brotam do asfalto, aramos a terra cheia de concreto dos terrenos baldios. Disto resulta o ar ser um pouco mais puro, o horizonte um pouco mais verde. Nosso maior monumento, os grafites subindo os prédios como as trepadeiras que sobem os palácios, trepadeiras da planta mais maravilhosa, o espírito humano. Os jardineiros, como bichos, nem lembram mais que o mato e eles não são uma coisa só – já participam um do metabolismo do outro. Engasgado pela chuva, pisoteado pela geada, o mato de novo e de novo teima em tentar alcançar mais luz entre os prédios. Jamais se alcançou nada, jamais deixou de brotar a primavera.

CARNE E ESPIRO

Eu não gostava que dissessem que a Bíblia é poesia. Mas não ligo mais, pois passei a acreditar também em poesia.

É preciso defender a poesia, para que ela defenda a Bíblia. Às vezes "poesia" quer dizer "enfeite". O enfeite das palavras: confete ou mesmo estrutura para tornar um conteúdo palatável, ou didático, ou até bonito, ou até sublime; mas algo que não é o conteúdo. Gosto que a poesia possa ser, também, todas essas coisas, mas aprendi que a poesia não é só enfeite, por melhor que o enfeite seja.

A poesia é um mistério (um mistério bonito): fala de outras coisas, mas acima de tudo é uma coisa própria. Fazendo um paralelo (ou trocadilho) com o Evangelho de João, que diz que o Verbo se fez carne. Esse Verbo é com V maiúsculo porque é Logos, é Deus. E quando fala de tal transformação, o evangelista nos quer transmitir uma antítese. Algo abstrato fez-se concreto, algo sublime fez-se terreno e algo infinito fez-se vulnerável. Essa antítese absurda os tratados não transmitem tão bem quanto os presépios, onde a manjedoura de palha é mais testemunha do mistério do acontecimento que os três magos. Mas Jesus é mesmo carne, sem deixar de ser Deus. Na poesia, chegando ao trocadilho, é o contrário: a carne vira verbo. Esse verbo, com v minúsculo, o que é? A palavra escrita foi inventada para contar cabeças de gado e tratar de coisas práticas; já a palavra falada, é verdade, é a formatação do choro visceral, mas mesmo assim é quase sempre para o oi, o tchau e o que existe entre eles: toda a comunicação entre pessoas, fenômeno acima de tudo social.

Volto à antítese: a carne – uma vida humana – coisa concreta, coisa verdadeira, feita de peso, vontade e tremores, mais complexa que uma galáxia, mas indecifrável a olho nu, onde mora todo o sublime, mas impenetrável, e por isso rude vista de fora, na poesia vira verbo, e mesmo virada em verbo – isso é

que me impressiona – continua sendo carne. Como pode esse instrumento de contagem e de troca de medidas conter em si, concretamente, a alma humana? Pois é isso que eu sinto quando consigo ler profundamente uma poesia – a presença nua de um ser humano, até, ora veja, de mim mesmo. A poesia não deixa de ser carne por ser poesia.

A poesia é o rastro do ser humano. O corpo quando treme, quando geme, quando sofre e quando goza, quando se esforça ou adoece, sua, e disso que tem cheiro o corpo humano, de suor, porque é o que o corpo emana quando existe com mais intensidade. Se um ser que não sabe nada me perguntasse de que tem cheiro o corpo humano, eu lhe traria um trapo sujo de suor. Se um cão precisa rastrear um homem, é o cheiro de suor que lhe damos, pois é o rastro que o corpo deixa no mundo. Assim, a poesia é o rastro do espírito. É o que o espírito produz quando sofre, geme, se exalta ou adoece. Se me perguntassem como cheira o espírito, eu traria uns papéis com uns poemas, porque o espírito tem cheiro de poesia. Se eu precisasse rastrear um homem, porque ele se perdeu, ou porque nós nos perdemos dele ou porque nos perdemos todos e nunca mais conseguimos nos encontrar – farejaria o rastro da poesia.

E, perdido, farejo este rastro. Quem dera me levasse sempre à comunhão com os poetas mortos. Mas com a Bíblia debaixo do braço parei muitas vezes sem saber nem de onde vim: mato sem cachorro. Só meu choro de criança compõe o poema-oração devido, e ele me aponta de volta ao livro puído, caderno de outras crianças que choraram até encontrar o rastro de Deus.

POSFÁCIO A UMA MONTAGEM DE MORTE E VIDA SEVERINA

Foi a escolha desta direção não limitar a nossa adaptação de duas cenas de Morte e Vida Severina à política. Em alguma medida, significou andar na direção oposta.

Morte e Vida Severina é um texto político? Se com político queremos dizer aquilo que se relaciona com a pólis, então a resposta não significará nada, porque todo teatro será político – um mais e outro menos. De *política* deve chamar-se a arte relacionada à política no sentido concreto – a defesa de ideias sobre sociedade e poder, de teses sobre situações contemporâneas, e o chamado à ação. Se João Cabral de Melo Neto com certeza expõe a injustiça e a exploração no campo e na cidade, e essa crítica não esteja de modo algum na periferia do texto, não é ela seu cerne.

Seria possível carregar mais no tom político se tivéssemos escolhido as cenas e as falas com este conteúdo. Não é à toa que “Funeral de um lavrador” é o trecho mais repetido do épico sertanejo; é realmente, com a composição de Chico Buarque, uma música que retrata qualquer conflito de terra ou situação de aniquilamento dos pobres, sendo até traduzida e ouvida fora do Brasil. A sua visão classista já se expõe no título. Já o resto das partes do poema precisa do todo para atingir seu sentido completo.

Escolhemos duas outras cenas e elas evidenciam melhor o sentido geral do texto. O prólogo (*O meu nome é Severino / não tenho outro de pia*) já começa fortemente crítico, e se ele é político, evidencia *que tipo* de teatro político estamos fazendo. É uma denúncia – “a isto fui reduzido; é essa redução de gente o que sou”. Em nenhum momento do poema inteiro Melo Neto fala de outra coisa senão da miséria e de seus resultados, e aqui começa pelo resultado mais radical, que é de os homens serem reduzidos a massas indiscerníveis, primeiro pela

precariedade até ingênua e depois pelo sofrimento injusto ou inevitável. Assim esse Severino, que não é ninguém específico, é um personagem inerentemente épico. Porém não é um instrumento alegórico: esse ninguém tem uma coerência de emoções e conflitos que não é individualizada, mas é psicológica. Os personagens ingleses Todo Mundo e Cristão eram marcadamente alegóricos, enquanto Severino e seus interlocutores são aparentados como pessoas de carne e osso – mas tanto os ingleses quanto o brasileiro são a alma de uma coletividade em busca de sentido. A genialidade política de Melo Neto é que, se os ingleses criaram personagens que retratavam toda a cristandade, portanto de certa forma toda a humanidade que eles conheciam, Melo Neto fala do pobre, do miserável, do sertanejo; e em vez de transformá-lo numa força da natureza, instrumento da História, se interessa por como o pobre resolverá o conflito existencial de conviver com a miséria. Se nas moralidades inglesas o protagonista alegórico era o vetor de reflexões e ensinamentos, e em certo teatro político o pobre é vetor da revolução, para Melo Neto Severino é, embora não seja ninguém, fim em si mesmo. Melo Neto quer entender Severino (e a classe ou situação que ele encarna) e dar-lhe voz, não entender ou falar de outra coisa *através* de Severino.

A próxima cena que realizamos, a da conversa com a carpideira tem em seu clímax uma denúncia (*Só os roçados da morte / compensam aqui cultivar*). Mas a denúncia é contra o que? De fato existe um nojo contra a ganância que se aproveitou da desgraça. Mas o que causa a desgraça? A caatinga não dá frutos. A terra é seca, o sol é inclemente e os roçados são inférteis. Na voz da carpideira, cinismo ou fatalismo, talvez casados; ou então um pode ter causado o outro. Mas é o lucrar com a morte que gera esse desprezo pela tentativa de trabalhar cultivando vida no solo, ou é a dureza da terra que levou à morbidez? Melo Neto claramente faz contraponto na próxima cena, a célebre cena do funeral do lavrador: se num lugar a miséria era imposta pela natureza, no próximo a prosperidade é

possível, mas negada pelo latifúndio. Na cena da carpideira, a natureza é quem oprime, e cria morte em tanta abundância que retirantes às avessas são atraídos por ela, e então os doutores se aproveitam da amargura dos pobres, ou são os pobres que se aproveitam da sina uns dos outros – mas são todos eles abutres e não algozes. É a denúncia de um desastre sem culpados nem soluções.

Seja a miséria causada por forças naturais ou humanas, a crítica e a denúncia do autor são as mesmas. Se ele não perdoa os latifundiários, tampouco perdoa o clima. O resultado em Severino é o mesmo: angústia e desespero diante de uma vida que se resume à sobrevivência, projeto cansativo que sempre termina em fracasso. E ao final, Severino não contempla uma guinada histórica, mas uma guinada puramente emocional: o suicídio. Chesterton dizia que o suicida é pior que o assassino, pois mata todos os homens; também poderia ser o maior dos antipolíticos, pois elimina toda a política. A compaixão com os suicidas, a compreensão de seu extremismo, às vezes se degenera em apologia. Até a defesa política do suicídio – que ele representaria uma revolta contra um mundo inaceitável – não passa de uma defesa estética. Mas o caminho de Severino não parece lhe deixar outra escolha. Nenhuma outra, muito menos coletiva, muito menos combativa, é apresentada ao longo do texto.

Como sabemos, Melo Neto não encerra seu texto com o suicídio. O enigma proposto desde o início do poema – como viver uma vida que se resume à proximidade da morte – é solucionado com a afirmação mais simples e poderosa da vida. O desespero é vencido simplesmente pela esperança. E não a esperança da promessa, mas a esperança que aponta para o infinito e consola sem nem saber o que espera. É a certeza naquilo que não se vê – dignidade e valor de um severino. Quem redime o protagonista de seu aniquilamento não é uma mudança de condições, mas uma criança franzina, destinada a sofrer o mesmo que todos outros severinos, mas que afirma só por existir

que a dignidade humana é indestrutível, essencial, independentemente de qualquer meio e superior a todos os ataques.

Se a política fosse apenas o que se costuma querer dizer quando se fala de política – discurso crítico e ações – esse seria um mau final político. Mas a discussão política é letra morta e a estratégia histórica vira jogo de tabuleiro quando adoram a si mesmas. A política que existe por motivos políticos se perdeu – a boa política começa e acaba no homem. É antropocêntrica. O interesse prioritário pela existência humana como um fim em si é o que engaja na política e a única mentalidade politicamente sã. Seu papel é falar dos homens para os homens, fazer que os homens entendam e amem os homens.

O texto de João Cabral de Melo Neto é político na medida em que é político recuperar a dignidade humana. Sem ela, a miséria não é revoltante; e só se defende a dignidade humana, quando se defende que ela é absoluta e independe das condições objetivas. Só o paradoxo entre a dignidade que há e o mundo que não a reconhece compele à solidariedade. Por isso, como ator entendo que nosso papel político com esta peça é antes denunciar a cupidez da morte que as injustiças localizadas, e antes ancorar os corações do público à realidade que ordenar que suas mãos ajam.

JARDIM

Uma coroa se levanta das raízes, o espelho de sua forma, projetada ao céu. As raízes cavoucaram em busca de mistérios – minérios. Cada corredor de sua empreitada buscou o cheiro da água, e as raízes, sempre secas em sua substância quase inorgânica – quase faltando vida – originavam o movimento numa sede ancestral. Assim povoaram o subsolo, laboriosamente. As multidões de escravos descartáveis perfuraram o solo com as unhas sofridas, mais abaixo que nunca antes. Mas as primeiras escavadeiras foram as raízes, sem lágrimas, sem canções perdidas para o leito de pedras, sem confundir numa só caminhada a vida e o túmulo. Coisas serenas, as raízes, que não choram; coisas muito mais tristes, pois não conhecem outro caminho senão o que fazem para cada vez mais longe do sol. De sua sede é que elas dão brotos, da ancestral insuficiência. Cada radícula, um reflexo da madeira com sede, uma decisão não tomada no labirinto inverso. Labirinto de buscar, labirinto de ser mais quanto menos se entende.

Que mundo fácil tem a planta ao romper a terra, mundo sem resistência ao movimento, mas alienígena. Tudo é brilho, calor, fôlego de sobra. Quando as folhas despertarem, não haverá pedras a empurrar. Um acaso positivo: se houvesse pedras, elas não as empurrariam, de delicadas. Mas titanicamente árido, o mundo livre acima do solo. Há brilho, mas tanto que incinera; há fôlego, selvagem, caprichoso, violento ou morno ou gélido. O calor está em tudo, em bichos de movimento infinitamente veloz, em queimadas de juízo absoluto, de outras plantas, famintas de vida, de vinhas que se trombam. Um mundo sem transições: tudo a iminência do choque. E a amplitude avassaladora do espaço que não acaba nem começa. No mundo plutônico, o peso da terra é a cadeia e os grãos e rochedos os guardiães intrespessáveis. Na esfera do azul cruel, não existem essas durezas que moldam os caminhos. O peso é

ausente, até que num dia distante a planta perceba o seu próprio. No escuro, fazer o próprio labirinto, ser o próprio labirinto, cada palmo que não se vê uma decisão legítima, obrigatória, sem roteiro nem dúvidas. Que infinidade é essa que se abre, um dedo acima do solo? Por onde tracejar sua fuga continuada na ausência sem fim? No mundo plutônico, uma prisão e suas regras (prisão inerte, de regras que mandam sem voz); no mundo urânico, uma só coisa que vai dali ao alto, as nuvens, ao éter e às últimas estrelas.

Mas a vertigem da planta é seu custoso espreguiçar. Como as raízes que tentavam tornar planta a terra, a folha crescerá na ambição ignorante, só possível e bonita nos menores seres, que tornar folha o próprio sol. E assim também todo o ar sem rumo, passando por dentro dela, fazendo parte e indo embora. O labor ignorante que tudo capturar, e tudo chamar de si mesmo. Labor cego e corajoso; destemido, pois não sabe de sua pequenura; humilde, porque não se jacta da missão de gigante. Uma revoada inclemente de sóis que atravessam o céu chacoalha as folhas e as quer derrubar todas, como tudo mais nesse mundo parece ter pressa para cair e sair arrastado pelo vento. Desponta um galho como uma lança empunhada, e mais folhas de ambição e estupidez. Um tronco se levanta, nada, nada, nada de nada a cada hora. O espreguiçar que começa com a primeira folha que choca do ninho do solo, e que vai, vai, vai, no bocejo que não termina nunca, nunca, nunca. Os pulmões, as costelas, os ossos de Adão tinham pressa, por isso nunca puderam o bocejo infinito de uma selva inteira de brotos tomando o ar.

Não há durezas que obriguem o tracejado, mas os galhos e o tronco não são longe do pé. Tem alma de raiz, raiz apon-tada para o céu, raiz com sede de chupar o caldo do sol. Não durezas, mas ventos, estações, intempéries que se repetem. As folhas crescem de todos os lados, como se o sol estivesse sempre em toda parte. Não é a sede que as impele a brotar: é uma imemorial curiosidade. Um pedaço de planta, como se

jamais tivesse visto nada, estica uma orelha na direção da luz, e começa a espreguiçar, espreguiçar, espreguiçar. Continuamente. Infinitamente. Sem pausa, sem começo nem fim. Um espreguiçar que leva a outro espreguiçar menor, enquanto o primeiro continua, e um espreguiçar do outro espreguiçar. Essa a mão que forja a coroa imensa. Uma árvore de espreguiçares.

FENOMENOLOGIA DE UMA CASA

A casa amarela do outro lado da rua, além do terreno baldio, tem na parede um ar-condicionado como um olho de ciclope. As casas têm isso: uma personalidade, algo de pessoa. Seu piso, cômodos, janelas, estão a um passo de revelar que tem algo de íntimo e de não visto, como é com qualquer coisa que seja humana.

Se entrássemos na casa, nada faria dispersar essa personalidade – não pareceria que abrimos suas vísceras – expor as vísceras desumaniza um homem... – mas que continuamos vendo o que tem de externo. Ainda vendo este externo, agora o habitamos; habitar é relação única com os lares, que não se tem com outros seres. É íntima; e, ainda assim, o dentro de uma casa ainda é fora de sua pessoa, ainda é ter inacessível seu interior intuído. O de dentro não leva ao interior, que parecem não ser o mesmo, como se sobrasse uma dimensão além das três. Talvez a personalidade seja sobretudo isso, qualidade que há nos seres que são vistos ou sentidos com mais de três dimensões.

Habitando, no entanto, a casa através do tempo, a sensação fugidia e certa de sua identidade nos aparece. Quem sabe habitação não seja o mesmo que convívio; quem sabe seja por isso que as casas não são pessoas. Mas creio, ainda, que se existir a distinção ela deve ser outra: o convívio é, na verdade, o que separa os seres de outras categorias de objetos. Com os seres se convive.

A casa ciclope é um ser, e em seu entorno os canários da terra em rotina celestial, pulos, grãos, bicadas, romances brutos, existências distraídas; completa ignorância da beleza que fazem povoar o mundo, como nós ignoramos o que eles acham mesmo que fazem e o que desejam que leva a tal dança de aéreos e melodias. Se estão assim por ser a hora de se alimentar, então o mundo que habito é, sem que eu saiba, uma mesa de banquete. Como não sinto que minha vida seja a de comensal

na mesa dos pássaros, então eles é que transformam o mundo em seu banquete, ou coexistem muitos mundos, e um deles é um banquete de canários.

Que fazem eles, então, à casa-cíclope? Povoam – verbo intransitivo: sua ação no mundo é povoar. Povoar nunca se faz só; seu sujeito é sempre uma população (oxalá, também, um povo). Mas no sujeito que povoa não sinto bem uma personalidade; antes sinto que ele tece alguma estranha relação que adjetiva e complementa, de alguma forma, o ser que habita.

CINCO HOMENAGENS CIRCENSES

O panfleteiro

É difícil ser um foguete. Quem vê o zap zap zum zum quicando por paredes ou céu afora não imagina a força imensa que um foguete mantém em torno de si para manter alguma semelhança de trajeto. O Astro Boy avança sorridente rumo ao espaço, mas as mãozinhas vão cerradas ao lado do corpo: é a empunhadura de um corpo sobre seu próprio destino. Onde quer que o destino seja! O foguete mantém um curso estável. Corta o ar em faíscas. A paz reina dentro da cabine.

A guarda-roupas

Havia um músico multi-instrumentista que ia a todos os lugares vestido de banda de um homem só. Não se atreveram a catalogar quais os instrumentos todos que carregava sobre os ombros, debaixo do chapéu e em compartimentos secretos que saíam das mangas. Quaisquer das menores aventuras cotidianas do músico enchiam tudo com a profusão de sonetos, jingles publicitários e efeitos sonoros. E que espetáculo a vez que o viram fugir de um cachorro. Nas suas lamúrias e comemorações, puxava batucados e acordes que acompanhavam os sons da praça, o barulho do vento ou as ondas inaudíveis de rádio, o movimento das esferas e das pessoas. Malabarista sonoro e às vezes um acrobata do barulho. E era bom ser um vagabundo deitado ao lado do coreto da praça da igreja de uma cidade minúscula e inútil. Lá o músico ensaiava de improviso sua orquestra, e tocando ali me lembrava ao mesmo tempo de tudo que estava longe e existia ao mesmo tempo.

O mestre de pista

De um homem forte se espera que o comparem a uma âncora. De fato cruzávamos um oceano. As ondas nos arremessavam ao gelo. Queríamos as âncoras. Mas também queríamos ir em frente. Ele fazia café: o meu era melhor, mas o dele era mais forte. E aquecidos íamos com mais coragem. Era só ele, enfim, que tinha na sua força precisão, e podia passar sobre a neve sem afundar-se, sabia pisar como um gato ou como uma pedra. Na sua arte era um bailarino, e sob o comando de sua dança, os pinheiros gelados cristalizavam-se ou então partiam-se, fulminados por um só estrondo.

O palhaço

Sempre gentil, o sapateiro martelava os seus sapatos. Eram todos do mesmo tamanho, como se para o mesmo par de pés, mas ninguém no mundo tinha pés assim; eram enormes e compridos, estabanados, e, se as pessoas pudessem usá-los, seria a rasteira de tudo que já ficou de pé, a catástrofe de tudo; eram estranhos e não pertenciam ao mundo, nem a outros lugares. Os sapatos se acumulavam e ninguém entendia por que o sapateiro martelava sapatos até quando sonhava, até nos intervalos de martelar sapatos. Um dia vieram os invasores, em quantidade que ninguém jamais imaginou. E os aldeões correram ao sapateiro implorando por sapatos que os ajudassem a correr para longe. Mas, sempre gentil, o sapateiro apontou para a montanha homérica de bicos e cadaços desamarrados, e depois para os invasores, que esperavam sentados, afiando seus dentes de olho no couro dos aldeões. E os aldeões fizeram chover sapatos nos invasores. Foi sapato nos olhos, nas bundas e nos peitos, dos aldeões, dos invasores, do sapateiro também. E os invasores partiram satisfeitos, levando os sapatos consigo: sapatos para andar mais devagar e menos eficientemente, sapatos para ser vaso de flores, calço de casa bamba, colmeia

de abelha sem ferrão. O sapateiro foi coroado como o energúmeno que era, e o papa lhe deu uma sapatada na cabeça.

A cozinheira

Antes de os deuses terem inventado a energia elétrica, os seres eram todos molenguinhas, pois não faziam conexões neurais. E viviam amontoados, amafagafados, pois isso era o útero de gambá da mãe terra, o primordial ninho de mafagafos que foi o primeiro ninho de amor. E um deus disse a outro, meu rei, lá fora está chovendo? O outro respondeu, chame Totó pra ver se molhou o pelo, meu rei, pois até aí todos os deuses eram reis ao mesmo tempo, e surpreendentemente ninguém reclamava de pesos e contrapesos. Eis que um desses deuses gritou de dor, viu o sólido parecer líquido e o firmamento de cabeça para baixo, com as estrelas em lugares trocados. Levando as mãos à cabeça que latejava, partiu em dois seu coco, donde dentro fulgurou melecada uma musa. Ela se espreguiçou e com um pincel cocejou as cores para despertá-las, e arrebanhou-as até lugares visíveis e outros escondidos. Por anos foi uma pastora selvagem da manada de cores, e não se sabia se ainda era a pastora ou havia se tornada mais uma de suas próprias feras, correndo todas nuas na enxurrada de tinta, arco-íris, fogos de artifício, granulado de ruído preto e branco televisivo, carvão atizado, incêndio e fósforo apagado. O mar lambe da terra seu sal, e dele tem seu azul-esmeralda, que empresta ao céu. E é o céu que chove o mar na terra, formando-a discípula dos dois, como os dois se movem em torno da terra. Nessa dança dos animados e inanimados é que vive o sabor, o timbre e o pressentimento; de que se exala a beleza, perfume de universo maduro. Hoje a musa se aninha no ninho de mafagafos, como sempre foi, brincadeira.

NINA

Enquanto eu terminava este livro, minha afilhada atravessou a marca dos três meses de vida. Começou bem calminha, dormia umas dezoito horas por dia; aí percebeu que não é a mesma pessoa que a mãe (pelo menos dizem que foi isso) e começou a dormir menos e chorar mais. Ontem, deixou de caber nela seu último macacão tamanho RN. Nesse meio tempo, não bebeu menos leite nem fez menos cocô. Ela é a prova que as pessoas são mais como os passarinhos que como os aviões. Ela existe exigindo cuidado, uma mãe, um casal, uma casa, uma rede de apoio. Ela não devolve nenhum resultado; não gera receita; diminui o PIB per capita sem contribuir para o PIB total; não paga impostos e não atenderá o chamado da pátria em caso de guerra. Nada justifica que faça parte de um contrato social, exceto uma dignidade essencial e incalculável. Ela existe, e esse é todo seu dom, como o bebê da manjedoura. É o futuro inteiro. Os cuidados com ela são a longa gestação do futuro. Mas a mãe, o casal, a casa e a rede de apoio não receberão um salário por serem seus guardiões; não ganharão nenhuma honraria, senão as homenagens anuais; não incluirão a mais relevante produção humana – o próprio ser humano – em qualquer currículo. Se forem artistas, talvez sejam lembrados por com muito esforço produzir uma outra coisa – não por terem criado aquilo que é capaz de lembrar.

ADÃO E OS GERMES

Quando Deus expulsa Adão do paraíso e diz “ganhará o pão com o suor do rosto”, também arranca da humanidade o domínio sobre a natureza. No Éden, Adão era um rei entre as criaturas. No mundo, sob maldição, é só mais um animal, fugindo de tigres, morrendo em enchentes, contaminado por parasitas invisíveis.

A ciência é um trabalho árduo, de várias gerações. Como uma estrada milenar, a ciência é obra coletiva da humanidade, construída sobre os fundamentos deixados por nossos antepassados. Somos, relativamente, cada vez menos frágeis diante da natureza – não através da Ciência como uma padroeira etérea, mas através de um trabalho puxado, o trabalho científico, que só existe se apoiado sobre uma enorme infraestrutura social, esta, então, ainda mais suada de se manter.

Não existe conflito entre Fé e Ciência porque esses personagens de fábula, substantivos comuns com letra maiúscula, não existem como sujeitos históricos, e quem não existe não pode trocar socos. “A Ciência” não virá nos vestir para o baile. O trabalho coletivo da humanidade é uma coisa concreta – ao mesmo tempo necessidade imposta por uma maldição, e possibilidade permitida pelo amor divino – e ele sim vai nos confortar, nos proteger e nos unir, como sempre faz e sempre fez, como já nos livrou dos tigres, e um dia ainda nos livrará das enchentes.

Mas nada disso vem de graça – a sobrevivência é comprada “com o suor do rosto”. Esse é o traço de um mundo caído, um mundo que caiu junto com Adão, um mundo onde existe a doença e a morte do corpo humano. Confiar na ciência é confiar no dom da razão, e reafirmar a vulnerabilidade e insuficiência do homem.

JURAS DE AMOR (PRIMAVERA CIRCENSE)

O público é nosso pai – há uma encabulada relação material. Ele paga nossas contas, agrada-se ou desaprova. E o teatro é filiação.

O público é nossa mãe. Que o teatro não é filho de cho-cadeira, nem se reproduz na solidão estéril! O teatro existe a partir do encontro, e o teatro é pertencimento.

O público é nosso filho, a quem divertimos ou assombramos, a quem confrontamos, damos bronca, e consolamos. Com descabido veneno, fazemo-lo verter lágrimas inúteis, mas tudo fazemos como para o amor maior das nossas vidas – que o teatro é parentagem.

O público é nosso bom confidente, o que sabe ouvir a tormenta nossa sem se distrair com a própria. O que não espera nada em troca, pois é compadecido do frágil e da nudez, e o teatro é sinceridade.

O público é nosso amigo e anda junto na fé cega de que será esquecido, será atacado, mas jamais desprezado. Como um trapezista de braços estendidos sobre o fosso entre plateia e palco, o público confia – o teatro é lealdade.

AFRODITE

Menelau declarou guerra à Ásia. Entre ela e ele só via a fúria do mar batente. Se o mar acalmasse, baixava. E aí Menelau via que entre ele e Tróia haviam outros continentes, e outras cidades.

Baixada minha paixão eu vejo tudo que havia por debaixo dela. Joias e monumentos. Era belo desde sempre, mas só agora entendo por quê. Debaixo da paixão por Helena haviam plácidas estátuas, que também eram Helena, e que eram por quem batia de paixão o mar.

Há essa mulher, que existe: está num sonho que a gente sonha sem saber, quando está acordado, como quando passa um filme e não tem ninguém na sala de cinema. Não é ela quem nos arrebatava: é quem nos traga. A maré é tentar deitar-se em seu leito bentônico; a maré é nunca ser tal homem e fugir de seus braços. A maré é ser incapaz de amar e incapaz de esquecer a Amada que sempre foi.

Há outra, que vem depois; como um acaso; como um engano. É preciso verificar se existe; se existe mesmo, é então de forma furtiva. É de forma fortuita, é concreta, revoltante, versão errada e melhor; é uma mão que emana como de deusa, pronta para fulminar, e não fulmina: é um toque que permanece, quente sobre um peito gelado e gelado sob um hálito quente.

A fúria de todas as marés se ergue para abraçar esta mulher. Os maremotos arrasam um mundo que separava a água da terra; arrastam as montanhas para o fundo dos oceanos vazios. Dentro da casca de uma árvore, o casal primordial sobrevive ao cataclisma de paixão, respirando suavemente, nus, ingênuos, cheirando a mar. Eles descansam docemente nos braços do outro enquanto a mar escorre de volta a seus limites. A terra resta reconfigurada: é a nova era. Promessa de sol, de seres solares.

Mas esta terra se constrói nos limites do mar furioso. Ele é a borda e a definição da terra; suas cheias, as ordenadoras da fertilidade e das catástrofes. O mar arrasta, arranca, doa generosamente. Nus, envelhecidos, confusos, o casal sabe cada vez menos se está sob o conjugio de um tirano ou de um benfeitor. Eles fazem da terra um jardim que o mar fertiliza e envenena; nascem portentos e florestas podres.

Desbravadores de seu mundo, assistem o mar regredir; do alto, de cordilheiras formadas e lascadas pela fúria, e há muito tempo já secas de seu juízo. São velhos como o mundo que habitam; tem gosto de sal na pele. O sol vai tocando os abismos translúcidos, refletindo em castelos de madrepérola que estavam lá o tempo todo; um século de asfixia vai deixando de se debater enquanto o vento alcança e resseca os corais. Os amados se aconchegam, fecham os olhos, aninhados nos braços do outro, esquecidos do tumulto, sua pele e a do mundo como casca de árvore.

EFÊMERO

Um efêmero é um bicho que só vive um dia; na verdade, ele é larva por meses, na água, e inseto, bichinho verde, por uma manhã e uma tarde, e põe ovos, e morre. A larva, que não se vê, para nós não é um efêmero, mas só parte de todo o resto, partículas e movimento nas poças, indiscernível. Por um piscar de olhos, verde e esvoaçante, o efêmero existe; um soluço entre abismos.

Alguns me viram sorrir muito, e fazer rir o tempo todo, e acharam de mim que eu era isso. Mas eu sou uma longa morte, um sono imenso que se arrasta, uma ausência sentida ou acostumada. De vez em quando que eu lampejo, passarinho verde. Quem viu, viu, quem não viu, não verá mais. Sorte de quem conheceu o efêmero tal como é; o resto é lama, é marrom, é uma tarde com cor de barro. Dezesete anos a cigarra cavouca o tronco da árvore. Então, um ano de violinos, e uma morte brutal.

O HOMEM QUE ERA PLATONISMO

Para Anderson Bogéa

Era madrugada e percebi que tinha dormido no sofá de novo. Na sala escura o barulho da TV parecia mais alto agora do que quando eu tinha caído no sono. Passava um filme nacional. A cena acontecia num bar, provavelmente nos anos 30 ou 40, a julgar pelas roupas, e o foco estava no movimento dos clientes e no rosto da protagonista, com cara de paisagem, enquanto um diálogo acontecia quase como ruído de fundo e entre dois homens, Gilberto e Frederico, quase figurantes, a respeito de Getúlio Vargas.

A primeira fala que escutei, ainda acordando, era de Gilberto, um gordo superlativo, que disse atizado, mas em tom conciliatório:

— ... foi mesmo um golpe, e respeito o sacrifício dos constitucionalistas, mas para a democracia poder existir, a gente precisa primeiro de condições mínimas, sem manipulação...

Foi interrompido pelo outro, franzino, cujo ator afetava ironia e intensidade.

— De novo isso de democracia? O que me irrita no seu caudilho não é a ditadura, mas que seja um ignorante, que cede ao atraso e à Igreja na primeira oportunidade. Mas vejo que você não melhorou da sua indecisão clínica. Quer me convencer de que o seu platonismo pode convergir com seu democratismo populista. Por que não convence a si mesmo primeiro? O mundo não vai ser governado ao mesmo tempo pelos sábios e pelo povo.

— Você, Frederico, chama qualquer coisa de platonismo. Parece um monomaníaco. Que as senhoras não escutem, mas na verdade você é tarado.

— Tarado?

— Tarado por Platão. Eu não disse nada e você já pôs Platão no meio.

É dessa forma que lembro o diálogo, embora agora me pareça inverossímil. O ator de Frederico fez uma pausa dramática, uma coisa meio Tarantino. Com os olhos fincados nos olhos do colega, contidamente respondeu ao desafio.

— Muito bem. Então, você me acusa de ser um cripto-platonista tarado.

— Antiplatonista tarado, corrige Gilberto entre os ruídos do bar e o ruído branco do meu aparelho. De fato, às vezes quando falo do Estado ou da verdade recorro a Platão. Me alinho com sua forma de pensar em muitas coisas. Não poderia ser diferente. Platão foi capaz, no seu tempo de paganismo, de enxergar coisas que só ficariam perfeitamente claras através de Cristo. No meio de homens para quem o numinoso era carnal, mundano, ctônico, teve que explicar que as ideias, embora abstratas, são tão reais quanto os homens. Ele precisou explicar a metafísica, que nos é instintiva, detalhadamente, com estranhamento, até, assim como um estrangeiro descreveria os nossos hábitos melhor que nós, que estamos acostumados demais a eles. Por isso, quando a modernidade ataca a verdade com seu materialismo e seu cientificismo vulgar, usando de belas palavras ou tentando, para justificar seu pragmatismo sem limites, nos esmagar exibindo suas conquistas, recorremos a Platão, que também precisou defender o ideal e o transcendente numa época que os negava.

— Mas o contrário de tais excessos não é o platonismo, continuava Gilberto. É simplesmente o bom senso. E quem dera o platonismo fosse suficiente para defender o que eu digo por aí! Eu seria mais ouvido. Já você, em todos os lugares que odia-rem Platão as pessoas concordarão contigo; tudo o que diz é para chutar um pobre ateniense morto há vinte e cinco séculos. Você diz qualquer coisa sobre Vargas ser um obscurantista ou brutamontes; mas admita que a ordem constitucional era um

jogo de cartas marcadas. Esse bom senso lhe falta justamente por rejeitar artificialmente a ideia de construir uma nação. Então me valho, sim, de Platão para falar de política e muito mais, porque discernia as verdades com clareza. Se eu defendesse tais coisas citando outro autor, você me daria outro apelido? Não sou eu que recorro demais ao mesmo pensador. É você que cismou com ele e vê seu nome na capa de todos os livros, como um apaixonado que só vê um rosto na multidão.

— Como fala! Não fica sem fôlego?

— Isto tudo são só pulmões.

— Não falarei mais do seu maragato ditador. Quanto a Platão, me escute. Está dizendo que esse homem representa bem suas ideias, por isso não tem vergonha de citá-lo ou seguir pela mesma linha de raciocínio dele.

— Não, nem mesmo se algumas ideias dele conflitam com as minhas, no caso de minha defesa da democracia.

— Você nega, então, a influência de Platão na teologia da sua religião?

— Mas de forma nenhuma. O que eu disse é que há vida fora de Platão. Existem os platonistas e existem os que não são.

— Ah, a vida fora de Platão. Já chegamos lá. Por acaso alguma coisa em que você acredita, dentro ou fora da religião, deixa de dividir o mundo entre o físico e o espiritual, ou melhor, de dar realidade aos conceitos que só podemos imaginar, como quando você é capaz de apoiar aquele bárbaro em nome de um ideal de nação?

— Não, de uma forma ou de outra, tudo em que acredito divide o mundo desta forma, seja para separar o físico do espiritual ou para emprestar concretude ao abstrato.

— Vejo que entende onde eu quero chegar.

— Eu poderia concluir suas frases. Na próxima vez que abrir a boca dirá que os próprios evangelhos são platonistas. Não que seja historicamente impossível, mas já falei sobre isso; você iguala semelhança e origem. Se você tivesse um irmão gêmeo, acharia que ele é seu pai.

— Mesmo que você tivesse razão em dizer que o platonismo e as suas crenças apenas coincidem nas conclusões, lembre-se que nas famílias órfãs há sempre um irmão que ocupa o papel de pai. Mas bem, é hora de fazer a pergunta que queria fazer: e se Platão não tivesse existido?

— As consequências de uma mudança no passado tão longínquo seriam incalculáveis! Por exemplo, neste momento você estaria me torturando por causa de Sêneca.

— Quem dera! Pois bem, falarei a sua língua. Imagine que um grupo de homens está preso numa caverna, acorrentados de forma que não podem se mover, com as costas viradas para a luz que entra, só podendo ver as projeções das sombras do que passa do lado de fora. Eu te pergunto, não é verdade que eles acharam que as sombras são a realidade?

— Me parece que....

— Excelente, sim, sim e etc. Decorre-se tudo aquilo que conhecemos. Pois pelas costas de seus amigos, nosso herói, — pois se tratando de um mito, é assim que se chama o protagonista, não? — deixa a caverna, conhece o mundo verdadeiro aos poucos e se deleita no conhecimento. É hora de libertar os outros. Mas como fazê-lo? Afinal, os pobres prisioneiros estão tão iludidos que até competem entre si para ver quem melhor descreve as parcas sombras que se projetam de fora para dentro. Então ele trará a luz do sol aos poucos, ou trará a luz do sol à força quando tiver condições. Essa é o mito heroico que funda a identidade de todos os platonistas. É uma criação de Platão, isso você não pode negar, e quem se vê como esse herói é aluno de Platão.

— É coerente, mas falta você provar que as pessoas assim se identificam.

— Não falta muito. Por que é que os cristãos vão pregar sua palavra em países tão distantes?

— Vejo onde você quer chegar com isso. Por acaso não é uma obrigação moral dividir com as pessoas uma boa nova que temos o privilégio de conhecer?

— Mas sem dúvida!

— Além disso, também se prega dentro do próprio país.

— E principalmente entre os doentes, os marginais, as pessoas nesses lugares tão escuros, não é?

— Muito se faz de apologia entre aqueles que tiveram todas as oportunidades de aprender corretamente.

— Assim como Platão pregava a seus pares atenienses, tão aristocratas quanto ele, mas considerados ignorantes. Mas não só os cristãos andam por aí de lamparina na mão, levando luz a quem não pediu. Os comunistas vão às portas das fábricas explicar aos operários que tudo que entendem está errado, que os patrões estão lhe bloqueando a vista e que com o conhecimento que adquirirão depois que seguirem com eles e frequentarem os cursos de formação política do partido, nunca mais verão a realidade com os mesmos olhos!

— É mesmo um hábito deles, dizer que possuem uma chave hermenêutica para compreender a realidade e que sem ela as pessoas estão alienadas.

— Lhe parece um hábito feio? Talvez você se irrite também com outro tipo de inimigo da sua fé: os que dizem que por causa de dificuldades de lidar com a fúria da libido, as pessoas ficam presas em padrões repetitivos e estupidificantes. Só com a compreensão calculista, neutra e liberalizante da sexualidade que esses doutores têm é possível uma pessoa agir como ela própria!

— Aqui tem uma que será do seu agrado, Frederico, já que você está com uma alegria de quem descobriu a lâmpada. Há os que enxergam o mundo todo escravizado pela religião ou pelo platonismo, e que a fé no invisível, exatamente como uma corrente, é um mecanismo de impedir os movimentos do espírito, através do medo e de certezas irracionais, e, portanto, que as pessoas que não se libertaram das religiões sistematizadas não podem ter suas opiniões sequer levadas a sério.

— Sabia que havia uma forma de lhe engajar no assunto. É verdade, meu bom Gilberto, que nisso eu também sou um platonista, e que desejo, conhecendo meu platonismo, abandonar meus grilhões e me deleitar com a verdade, como o herói de Platão. Mas desejo apenas poder circular pela caverna, tatear suas paredes úmidas e aprender a amá-las. Quero meu corpo e minha autonomia; não preciso de outro mundo.

— Você fala como se isso fosse uma grande diferença em relação a Platão. Só está mudando os substantivos, mas a analogia é a mesma. Pudera, como seria diferente? O processo de obtenção do conhecimento é esse mesmo. Platão só descobriu um fenômeno da mente, que é a instrução.

— Mas e a arrogância de se achar o herói conhecedor do Sol, e não um de seus rivais, os iludidos interpretadores de sombras? E a pretensão de ter, como você disse, uma chave hermenêutica? A superteoria que explica a vida, e ainda por cima vinda de fora da vida?

— Aí você já está pressupondo algumas coisas – por exemplo, que não é justamente um elemento vindo de fora da vida que lhe permite pensar sobre ela. Mas onde é que você quer chegar?

— Numa outra utopia. Não mais o mundo de fora. Derrube-se a entrada da caverna, como quem queimasse os navios! Imagine se Platão não tivesse existido: nunca o desejo de fugir, nunca todos esses profetas e cientistas sociais, um mais reli-

gioso que a outro, pensando que não fazem convertidos porque os ouvintes não são bons o bastante para entendê-los! E nunca, nem uma vez, impor à Vida sentido! Se eu não vier a ser assim, há outros que virão!

A medida em que Frederico se exaltava (o ator arregalou muito os olhos, pois os atores acham que é assim que os intelectuais fazem quando se exaltam), um outro figurante passou do lado da mesa deles e gritou 'ANAUÊ', depois indo embora para lugar nenhum. Frederico se constrangeu e ficou em silêncio. Gilberto não falava, acho que em respeito. Finalmente Frederico suspirou, "integralistas de merda, já expliquei que não tenho nada ver com eles".

— É esse bigode, falou Gilberto. Fica parecendo o Plínio Salgado. Melhor cortar.

— Não. Pensei em deixar crescer.

Nesse momento a protagonista do filme saiu acompanhada de um personagem masculino e a câmera os seguiu. Na verdade, foi essa a cena que acompanhei, de modo que não prestei muita atenção no que os coadjuvantes diziam ao fundo, e pode ser que eu tenha me enganado sobre alguma coisa. Me lembro vagamente de Frederico explicando que Platão inventou Sócrates para criar uma filosofia que garantisse estabilidade ao Estado, e mais que isso, foi Aristóteles quem inventou Platão e botou todo o Liceu para trabalhar, forjando centenas de documentos históricos e papiros filosóficos, reescrevendo a história intelectual da Grécia para cimentar a hegemonia de Alexandre, o Grande. Mas posso ter sonhado essa parte. De qualquer forma, não terminei de ver o filme porque não gosto de cinema nacional.

O FIM DA PANDEMIA

Com ensolarado prazer anuncio ao mundo o fim da pandemia.

Invejosos dirão que imito Getúlio Vargas ao institucionalizar o primeiro de maio como feriado. Os céticos extremistas, que só acreditam nos próprios olhos e em teorias da conspiração, dizem que o governo o fez para esvaziar as greves. Também tem os acreditadores extremistas, que acreditam em tudo, menos que o governo age para esvaziar greves.

Bom, sendo aquilo fato ou fantasia, o fantástico é que é preciso salvar a honra da própria ideia de saúde pública. Senão, daqui a pouco ninguém mais vai tomar uma vacina, nem usar um cinto de segurança. A desmoralização das medidas sanitárias é muito intensa. Melhor juntar-se a ela (a desmoralização).

A gota d'água, para mim, foi o entregador do restaurante vegano não usar máscara. Justo os veganos, que eu achava serem a última reserva moral da humanidade. A penúltima era a classe média quarentenada. Pois bem. Eles nos passaram. Ouçamos o recado.

(Cabe discutir se os entregadores, que carregam o país nas costas, têm o direito de escolher o próprio EPI ou se os consumidores sempre têm razão sobre o que os empregados vestem)

No mais, se nada deve parecer normal, nem impossível de ser mudado, por que nos parecia apropriado que morressem, principalmente de velhice, mas também de outras coisas, uns 3 milhões de brasileiros por ano? Não fizemos quarentena para evitar balas perdidas, bueiros explosivos, explosões de fábricas de fogos de artifício. Porque 3 milhões é aceitável, e 3,5 milhões é inaceitável? Quem decide isso? A morte de crianças pequenas já foi normal; ano passado, era normal que os velhos morressem com certa velhice e certo jeito, e agora também é normal que morram também de jeitos novos. Se a vida tivesse valor infinito, não deixaríamos ninguém morrer de velhice, mas

estariamos exaurindo todos os recursos do planeta para criar todos os maiores de 60 anos.

Devemos sentar e discutir (sem máscaras) os novos parâmetros de aceitabilidade da morte. Que serão, numa visão esclarecida e antropológica, tão vazios quanto todos os outros. No fim, a morte existe, e o resto é um tipo de procrastinação. Bom fim de semana a todos, e aproveitem cada dia como se fosse o último.



SINOPSE

Se você for espiar, aponte para a janela, na direção de onde vem a luz. Este objeto é um caleidoscópio. Entre o horror e o humor, Breguenaite Cometripa reúne contos e crônicas criados em meio ao isolamento artístico e psicológico. O labirinto tem setas, mas ainda não tem lógica.

O AUTOR

Poeta, atleta e pateta, Vinícius Staub é técnico em estatística, professor de teatro e palhaço aposentado. Diletou por várias linguagens, incluindo a música e o cinema, buscando um lugar para o artista trabalhador na arte popular. Desapareceu misteriosamente em maio de 2022, seus armários vazios tomados por um enxame de grilos mudos.



Avalie o livro
neste QRcode